

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
MARINA ALVARENGA DO RÊGO BARROS

**A PELEJA ENTRE A GRAMÁTICA E O FALAR
NORDESTINO**

versando voz e identidade no Cordel

BRASÍLIA – DF
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

A PELEJA ENTRE A GRAMÁTICA E O FALAR NORDESTINO

versando voz e identidade no Cordel

Marina Alvarenga do Rêgo Barros

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras Português da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela.

Orientadora: Profa. Dra. Ulisete Rodrigues de Souza Rodrigues

Brasília, 2013

*Para minha mãe, por tanta coisa que
eu não sei nem dizer.*

*Para vó Zilda, por ter costurado com
incomparável zelo minhas pontas
soltas, e para vô Milton, pelo carinho
que nunca acaba.*

*Para vô Bartolomeu, coautor e
orgulhoso protagonista da peleja que
estou para contar.*

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial minha mãe, Mila e Fátima, pelo incentivo diário, companheirismo, disposição em ajudar. Vocês foram parte fundamental desse processo e de todos os outros. Agradeço em particular à Nath, que auxiliou na reta final.

Com muito carinho, ao vô Bartolomeu e a Gabi e Rafa, que acenderam, sem querer, a luz para este estudo. É reconfortante saber que eu também sou um pouco vocês.

Aos antigos amigos, que se esforçaram para fazer com que nossos caminhos continuassem se cruzando, mesmo quando as muitas urgências do mundo exigiram o contrário. Aos (não tão) novos amigos, presentes que a Universidade reservou para mim. Lins, Anoca, Anns, Camis, Dani, Dé, Ju, não teria sido tão bom sem cada um de vocês. Que esse final seja nada além dos nossos começos.

Ao Alexandre, que se importou, acompanhou, ajudou e foi extraordinário o tempo todo.

A Alex Canuto, por ter contribuído com os cordéis e com o texto de seu trabalho de conclusão de curso, que ficou tão lindo. Ao querido Allan, por ter auxiliado nesse contato e por ser sempre tão prestativo.

À Academia dos Cordelistas do Crato, pelos esclarecimentos. Em especial, ao senhor José Lourenço, que é cordelista, xilogravurista desde os nove anos de idade e que ajudou muito.

Às professoras Juliana de Freitas Dias, Maria Christina Diniz Leal e Rachel do Valle Dettoni, pelos ensinamentos tão preciosos, pelo compromisso com a Língua e com a ética e pela inesgotável doçura.

A todas as professoras do Projeto Reuni *Desenvolvendo um método inovador para ensino de Leitura e Produção de Textos na Universidade de*

Brasília: a reescrita de textos, por terem me dado a oportunidade única de conhecer a Linguística sob variadas lentes.

Aos queridos da Secretaria de Assuntos Legislativos – SAL/MJ, que foram compreensivos quanto às adversidades dessa etapa acadêmica final e que demonstraram interesse nas mil vezes em que me ouviram falar sobre este estudo. Em particular, ao Hamilton, que me ajudou em incontáveis momentos.

Finalmente, agradeço imensamente à Prof. Dra. Ulisdete Rodrigues de Souza Rodrigues, minha orientadora. Uli, obrigada de coração pela amizade, por comprar a ideia, por se apaixonar pelo tema tanto quanto eu, por ter compreendido os imprevistos. Obrigada por me guiar de forma tão carinhosa e tão correta, e por nunca ter faltado quando eu precisei de uma luz. Obrigada por sorrir poesia o tempo todo. Você é uma pessoa fantástica.

O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

João Guimarães Rosa

RESUMO

Este estudo aborda a temática do preconceito linguístico direcionado aos falantes do Nordeste. É evidenciado o conhecimento e emprego, pelos nordestinos, da Gramática Tradicional (GT) que toda a demais população brasileira desconsidera. Isso é feito com o intuito de desconstruir as afirmações dos comandos paragramaticais (BAGNO, 2004) – nomenclatura que identifica manifestações de purismo linguístico. O fenômeno linguístico apreciado foi o uso do pronome pessoal oblíquo átono *lhe*. É sabido que a GT prescreve que o *lhe* deve ser usado somente em referência à terceira pessoa do discurso e exercendo função sintática de objeto indireto. No cenário geral brasileiro, porém, o pronome, nas raras vezes em que é utilizado, tem como referente a segunda pessoa do discurso, além de ser atribuída a ele a função de objeto direto cada vez mais frequentemente. A hipótese levantada é de que a população nordestina, em contraste com o resto do País, faz uso do pronome de forma alinhada às regras da GT em sua fala rotineira e em contextos de baixo monitoramento. A investida de comprovação da hipótese inicial deu-se pela análise da linguagem empregada em cordéis desta região, com foco especial nos do Ceará, assumindo que estes são representação fidedigna dos hábitos de fala informal dos nordestinos. Tal assunção parte do preceito de que o cordel é escrito com linguagem muito semelhante à linguagem oral, e de que o texto publicado mantém-se arraigado aos hábitos populares de fala por não ser submetido a rigoroso processo editorial. Os resultados atestaram a suposição, desconstruindo o frágil argumento dos comandos paragramaticais, que julgam que o nordestino desconhece as determinações da Gramática Tradicional. É defendido que a população do Nordeste domina as especificações da GT de forma equivalente ao resto do Brasil e que todos os brasileiros fogem a ela em alguns pontos. Dessa forma, é inapropriado julgar que há um modo “correto” e um “errado” na Língua, e que o “errado” é o do nordestino. Finalmente, resta explícito que o preconceito linguístico direcionado a esta comunidade é infundado e mantencionado muito mais por interesses de ordem socioeconômica do que por aspectos da língua, de fato.

Palavras-chave: Preconceito linguístico; falar nordestino; pronome *lhe*.

ABSTRACT

This essay approaches the thematic of the linguistic prejudice directed to the Nordeste speaker. It is evidenced the knowledge and usage, by *nordestinos* (brazilian Northeastern population), of the Traditional Grammar (TG) that all the further Brazilian population disregards. That is made with the intention of to deconstruct the statements of the *comandos paragramaticais* – nomenclature created by Marcos Bagno (2004) to identify manifestations of linguistic purism. The linguistic phenomenon valued was the use of the toneless oblique personal pronoun *lhe*. It is known that the TG prescribes the mandatorily use of *lhe* only in reference to the third person of the discourse and exercising the syntactic function of indirect object. In general brazilian scenario, although, the pronoun, in the rare occasions in which is used, has as referent the second person of the discourse, besides being attributed to him the function of direct object increasingly often. The hypothesis built is that the *nordestinos*, in contrast with the rest of the country, uses the pronoun in alignment with the rules of the TG in their workaday speech and in low monitoring contexts. The attestation onset of the initial hypothesis was given by the analysis of the language used in *cordéis* of this region, with special focus on the Ceará ones, assuming they are a reliable representation of the informal speech habits of the *nordestinos*. Such assumption starts with the precept that cordel is written with a language very similar to the oral one, and that the text published remains rooted to the popular speech habits for not being subjected to rigorous editorial process. The results confirmed the assumption, deconstructing the fragile argument of *comandos paragramaticais*, that judge the *nordestino* ignores the determinations of Traditional Grammar. It is defended that the Nordeste population dominates the TG specifications in an equivalent manner to the rest of Brazil and that all brazilians flee it at some points. Therefore, it is inappropriate to conceive the existence of a “correct way” and an “incorrect way” in Language, and that the “incorrect way” it is the *nordestino* one. Finally, it remains clear that the linguistic prejudice directed to this community is baseless and maintained much more by socioeconomic interests than by language aspects, in fact.

Key words: Linguistic prejudice; nordestino/northeastern speech; pronoun *lhe*.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1 – Classificação do pronome pessoal <i>LHE</i> quanto ao referente discursivo e função sintática	33
Gráfico 1 – Pessoa do discurso	42
Gráfico 2 – Função sintática	43
Tabela 1 – Quantificação geral do <i>LHE</i> quanto à pessoa do discurso	41
Tabela 2 – Quantificação geral do <i>LHE</i> quanto à função sintática	42
Tabela 3 – Ocorrência <i>indefinida</i> do <i>LHE</i> quanto à pessoa do discurso	43
Tabela 4 – Ocorrência do <i>LHE</i> referente à <i>segunda pessoa do discurso</i>	44
Tabela 5 – Ocorrência do <i>LHE</i> referente à <i>terceira pessoa do discurso</i> .	45
Tabela 6 – Ocorrência do <i>LHE</i> em função de <i>objeto direto</i>	48
Tabela 7 – Ocorrência do <i>LHE</i> em função de <i>objeto indireto</i>	49
Tabela 8 – Ocorrência do <i>LHE</i> em acordo com a GT quanto a pessoa e função	52

SUMÁRIO

1	Apresentação	12
2	O cordel	15
2.1	O que dizem os poetas sobre a norma do cordel	19
3	A Sociolinguística	21
3.1	Antes da Sociolinguística	21
3.2	Precursos – o social no âmbito linguístico	22
3.3	Surgimento da Sociolinguística	23
3.4	Sociolinguística Interacional	24
3.5	Sociolinguística Variacionista	25
	<i>Teoria e método da Sociolinguística Variacionista</i>	
4	O preconceito linguístico	27
5	O pronome pessoal oblíquo átono <i>LHE</i>	31
6	Sobre o tema	34
6.1	De onde veio a ideia?	34
6.2	Por que usar cordéis?	34
7	Sobre a montagem do estudo	37
7.1	Como o <i>corpus</i> foi constituído?	37
7.2	Quais foram as variáveis estruturais?	38

Pessoa discursiva de referência

Função sintática

7.3	Quais foram as variáveis sociais?	39
-----	---	----

Tempo

8	Apresentação dos dados	41
----------	-------------------------------------	-----------

9	Reflexões finais	54
----------	-------------------------------	-----------

Bibliografia	56
---------------------------	-----------

Apêndices	61
------------------------	-----------

Questionário de mapeamento parcial de hábitos de fala

Questionário preenchido – falante M1

Questionário preenchido – falante F1

Questionário preenchido – falante F2

Questionário preenchido – falante M2

1 Apresentação

*Já que sou simples poeta
poesia é meu escudo
com ela é que me defendo
já que não tive outro estudo
vou mostrar para o leitor
que o poeta escritor
vive pesquisando tudo*

– Apolônio Alves dos Santos –

Este estudo tem sua gênese na minha gênese. Brasiliense de ascendência mineira e nordestina, aprendi a apreciar esses tantos fios que me tramaram desde sempre. Acredito na diferença enquanto trunfo e expressão fidedigna da cultura brasileira e confio na valorização da nossa pluralidade como ferramenta de emancipação social, em suas variadas concepções.

Penso que já defendia a Sociolinguística antes mesmo de conhecê-la. Nunca pareceu a mim razoável o julgamento da identidade de um falante baseado em um conjunto tanto utópico de regras que, afinal, não são rigorosamente seguidas por pessoa alguma. Dentro de tal escopo, esta pesquisa é uma tentativa de relativização da construção social do “erro”, de valorização da variedade linguística nordestina e de desmantelamento do frágil argumento dos comandos paragramaticais, que se fundamentam nas prescrições da Gramática Tradicional (GT) para justificarem a apartação nascida do *preconceito linguístico* (PL).

O objetivo geral deste estudo é investigar e analisar, mormente sob o prisma da Sociolinguística Interacional e com contraparte da Sociolinguística Quantitativa, as ocorrências do pronome pessoal oblíquo átono *LHE*¹. Assim, pretendo construir estudo de base *diatrópica* e *diastrática*.

A fonte dos dados são folhetos de cordéis nordestinos que passaram por rudimentar processo editorial e foram escritos a partir de 2000. A predileção pelo cordel nasceu da necessidade de um suporte que reproduzisse de

¹ A referência ao pronome pessoal oblíquo átono *lhe* aparecerá, neste estudo, sempre em maiúsculas e itálico, para facilitar o resgate por parte do leitor e para que haja contraste – principalmente, em relação às citações que versam acerca da temática.

maneira verossimilhante (dadas as reservas do gênero) a fala do popular nordestino. O método utilizado para alcançar o exposto foi a avaliação do pronome pelos poetas populares nordestinos quanto à i) frequência do uso e ii) adequação à GT. A predileção pelo cordel nasceu da necessidade de um suporte que reproduzisse de maneira verossimilhante (dadas as reservas do gênero) a fala não monitorada do cidadão do Nordeste.

Acreditando na presença bastante marcada do *LHE* na fala nordestina, inclusive – ou principalmente – na popular, procuro perceber as situações linguísticas e extralinguísticas – aqui nomeadas estruturais e sociais² – que favorecem a ocorrência de tal pronome. Imprescindível reforçar o foco dado aos cordéis do Ceará, Estado, juntamente à Bahia, cujos falantes apresentam maior índice de uso do *LHE*, de acordo com Bagno (2011). Tal enfoque é resultado do amplo acesso aos folhetos do Ceará, principalmente os de Crato – CE, contraposto à dificuldade em encontrar cordéis baianos que se enquadrassem, especialmente, no recorte de tempo.

De maneira especial, fizeram-se regentes: i) a quantificação das ocorrências do pronome oblíquo *LHE* nos cordéis que compuseram o *corpus*; ii) a classificação de tais ocorrências quanto à pessoa do discurso a que se referem (explicitada linguisticamente ou não); e iii) o desvelo da fragilidade do argumento dos indivíduos praticantes de PL e dos comandos paragramaticais, por meio da comprovação da hipótese inicial.

A hipótese inicial, surgida a partir de observação informal de falantes nordestinos do PB em contextos familiares de baixo monitoramento³, avalia que o pronome átono *LHE* não somente é natural à fala nordestina em suas mais variadas normas como, de maneira muito singular, é fortemente utilizado em referência à terceira pessoa do discurso, em acordo com o que prega a GT. Assim, restaria prejudicada – ou, ao menos, relativizada – a argumentação máxima adotada pelos praticantes do PL, que afirma que os falantes de variedades não prestigiadas desconhecem a norma-padrão da nossa Língua.

² Vd. seção metodológica *infra*.

³ O contexto ao qual faço referência aqui é de *minha* vivência pessoal e familiar. O tema deste estudo surgiu a partir de observação dos hábitos de fala de diferentes gerações, de meu avô às minhas primas.

Pode-se considerar, com base no exposto, que as questões-chave repetidas durante toda a elaboração da pesquisa foram: os *falantes nordestinos, em especial os cearenses, utilizam o pronome pessoal oblíquo átono LHE? Caso sim, em quais contextos?*

2 O cordel

O nome “cordel” é comumente utilizado referenciando duas acepções: a *literatura de cordel* e o *folheto de cordel*. O tema é alvo palpitante de estudos acadêmicos e o traçado histórico de ambos os conceitos é fonte de divergências neste meio. Procuro, aqui, retomar postulações acerca do que é o cordel e do seu parentesco com a tradição de cantoria nordestina. Importante ressaltar o sentido adotado aqui para o termo “tradição”, cunhado por Paul Ricoer (1997 apud BEZERRA, 2011, p. 21):

Antes de ser um depósito inerte, a tradição é uma operação que só se compreende dialeticamente no intercâmbio entre o passado interpretado e o presente interpretante. [...] A noção de tradição tomada no sentido das tradições significa que nunca estamos numa posição absoluta de inovadores, mas sempre inicialmente numa situação relativa de herdeiros. Essa condição está essencialmente ligada à estrutura de linguagem de comunicação em geral e da transmissão dos conteúdos passados em particular.

A literatura de cordel é uma das mais genuínas expressões populares brasileiras de identidade. Com início datado em meados do século XIX⁴ e mais fortemente estabelecida no Nordeste, ela consiste no costume de contação de histórias por meio do uso da lírica. Tradicionalmente, a metrificação é marcada e são estabelecidos *motes* (temas) que guiam a trama, desenrolada pela *glosa*. Não há limitação temática; os cordéis brasileiros abarcam desde histórias acerca de problemáticas sociais latentes, envolvendo questões políticas e econômicas, até explicitação de hábitos populares e pelejas por assuntos diversos.

A sabedoria popular reza que o nome “cordel” surge a partir da prática de exposição das obras em formato de folhetos. Estes teriam sido nomeados em função da prática de serem pendurados em varais de finas cordas nas feiras. Claudia Rejanne Granjeiro, do projeto Conexão Poética⁵, avalia que essa versão oficial da origem da palavra é alvo de contestação. Ela é difundida,

⁴ LUCENA, Bruna Paiva de. **Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro**. 2010, p. 11.

⁵ O vento que balança o cordel. **Revista do Brasil**. n. 71, mai, 2012.

principalmente, por estudiosos estrangeiros, e, em verdade, os cordéis ganharam o Brasil sendo exibidos em balaies, em esteiras e em bancas.

Acerca da temática, completa José Paes de Lira, o Lirinha⁶: “Era uma definição pejorativa dos historiadores de poesia, que a população incorporou. Pejorativa porque nasceu de ‘literatura de cordão’, dando a ideia de inferioridade em relação a uma outra literatura”⁷.

Considera-se preponderantemente, na Academia, que sua manifestação no Brasil seja herança da Península Ibérica – mais precisamente, de Portugal. Sobre o assunto, a aceitação maior é de que o cordel

Veio-nos com o romanceiro peninsular, e possivelmente começam desses. A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas; romances a ser divulgados, entre nós, já no século XVI, ou, no mais tardar, no XVII, trazidos pelos colonos em suas bagagens. (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, p. 5).⁸

Tal entendimento, contudo, tem sido contestado. As afirmações de que a literatura brasileira de cordel remonta fidedignamente uma construção discursiva portuguesa que mantém elo com o teatro parecem se eximir da essência nacional dos nossos folhetos.

Acerca de tal problematização, Maria Isaura Rodrigues Pinto (2009) relativiza a voz dominante que filia o cordel brasileiro à prática europeia, afirmando que tal parentesco, ainda que existente, fomenta antes a força da recriação e renovação do que a passividade da imitação. Diz a autora:

Aí, nesse espaço clandestino, nessa “terra de ninguém” (SOUSA SANTOS, 1993, p. 33), nesse espaço simbólico onde, apesar da influência, as culturas periféricas podem se dizer, o Outro subtraído da noção de origem, ganha estatuto de interlocutor, firmando-se como presença suscetível de “apropriação seletiva e transformadora” (SOUSA SANTOS, 1993, p. 12). O elemento híbrido próprio dessa “reinterpretação fundadora” (SOUSA SANTOS, 1993, p. 12) dá destaque, na literatura de cordel brasileira, a vozes silenciadas, e assim, além da cultura lusitana, passam a marcar presença fatores e circunstâncias de apropriação de elementos de outras culturas, sobretudo, a cultura indígena e africana, “todas elas também

⁶ Lirinha ganhou fama nacional ao tornar-se vocalista do grupo performativo Cordel do Fogo Encantado.

⁷ Id.

⁸ PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. **SOLETRAS**, Ano IX, Nº 18, p. 2.

polimorfos, pois já traziam um teor considerável de fusão no momento do contato interético” (BOSI, 2000, p. 7).⁹

A literatura brasileira de cordel é, então, criação nacional autônoma e pontuada pela identidade individual do poeta e coletiva do seu grupo. É notório seu engendramento com o costume nordestino da poesia oral de cantoria, sendo um recorte de escolhas de métrica dentro de um conjunto muito maior que representa a tradição oral sertaneja. Acerca de tal filiação, Lirinha afirma:

A literatura de cordel é uma coisa diferente da poesia que é feita de improviso na cantoria de viola, embora seja a mesma estrutura. [...] A literatura de cordel trabalha muito com décimas e sextilhas, e alguns martelos, que são décimas de decassílabos. [...] Já a cantoria de viola tem outros mestres, o repentista, o que faz rápido. Eles têm, inclusive, certa distância. O que escreve cordel não necessariamente faz de improviso.¹⁰

É possível tentar levantar traçado histórico do cordel a partir do reconhecimento de seu parentesco com a oralidade da cantoria nordestina. Agostinho Nunes da Costa (1797 – 1852), no início do século XIX, inicia o processo na Paraíba, juntamente a seus filhos. Na segunda metade desse século, Silvino Pirauá Lima (1848 – 1913), também paraibano, introduz no cordel e na tradição oral as sextilhas e o martelo-agalopado – este último sendo a forma de composição de um dos cordéis do *corpus* desta pesquisa. Contemporâneo de Silvino Lima foi Bernardo Nogueira (1832 – 1895), reavivado por Câmara Cascudo: “Violeiro afamado, repentista invencível, mestre-de-armas sertanejo, jogando bem espada e cacete, era mais inteligente que letrado.”¹¹

O cordel do século XX é marcado pela mudança do processo de produção e do público-alvo¹². A partir da segunda metade do século, surgem associações de poetas cordelistas, como a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) e a Academia de Cordelistas do Crato. Os leitores dos folhetos deixam de ser essencialmente aqueles que conhecem a fundo a cultura nordestina e já são inteirados da tradição de cantoria e glosa. O novo

⁹ PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. **SOLETRAS**, Ano IX, Nº 18, p. 4.

¹⁰ O vento que balança o cordel. **Revista do Brasil**. n. 71, mai, 2012.

¹¹ ORIGEM da cantoria nordestina. **Cultura Popular, etc.** 2 jan 2010 Disponível em: <<http://culturapopularetc.blogspot.com.br/2010/01/origem-da-cantoria-nordestina.html>>.

¹² QUINTELA, Vilma Mota. **O Cordel no Fogo Cruzado da Cultura**. 2005, p. 111-112.

público do cordel é composto por acadêmicos e curiosos em geral. O cordel produzido e divulgado fora dos limites nordestinos passa a ter maior representação – não por acaso, a ABLC tem sede no Rio de Janeiro – e a ser foco de estudos diversos.

Evolui, também, o processo de confecção dos folhetos. Paulo Jeyson Barros Paiva, da Universidade Federal de Pelotas, fornece informações sobre as modificações no *design* editorial dos folhetos no País¹³. Até o começo do século XX, os cordéis não contavam com capa ou gravuras. A partir de então, são inseridas litogravuras e zincogravuras, substituídas por xilogravuras, a partir da década de 30. Há registros de folhetos com fotografias ou reproduções de postais europeus, também nessa época. Paulo Paiva seleciona, ainda, uma última ocorrência, que classifica como “contemporânea”. Os folhetos contemporâneos, produzidos a partir de 1952, passam por elaborado processo editorial, sendo impressos em *offset* e contando com capas coloridas.

O certo é que há explicitação e manutenção de *identidade* nos folhetos, do ponto de vista sociolinguístico. As escolhas temáticas e lexicais frequentes na literatura brasileira de cordel – especificamente no recorte aqui feito, que privilegia cordéis nordestinos – são ferramentas de reiteração do arquétipo identitário do grupo.

Nesse contexto, reflexões relacionadas à identidade são cruciais para ancorar a reflexão sobre a escrita da literatura em foco. Tomaz Tadeu da Silva, em *Identidade e Diferença* (SILVA, 2002, p. 75), teoriza:

[...] as afirmações sobre diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade. Dizer que “ela é chinesa” significa dizer que “ela não é argentina”, “ela não é japonesa”, etc., incluindo a afirmação de que “ela não é brasileira”, isto é, que ela não é o que eu sou. As afirmações sobre diferença também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações negativas sobre (outras) identidades. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis.

¹³ PAIVA, Paulo Jeyson Barros. **Design Editorial: A evolução dos folhetos de cordel no Brasil.** Pelotas. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/47839/Poster_11941.pdf?sequence=2>.

O sistema da linguagem permite nomear e dar significado aos traços que identificam alguém, quando contrapostos aos traços que não o constituem. O próprio mecanismo da linguagem é “fundamentalmente um sistema de diferenças” (SILVA, 2002, p. 77). Tem-se, então, que o sistema linguístico de uma comunidade é, também, parte de sua expressão identitária.

Defendo, portanto, que a literatura de cordel no Nordeste é instrumento de manutenção e confirmação da identidade nordestina. Ela ajuda a conservar certas tradições linguísticas e reproduz contextos conhecidos pelos leitores, permeando gerações.

2.1 ***O que dizem os poetas sobre a norma do cordel***

O binarismo linguístico ecoa em toda a sociedade. Consoante Labov¹⁴, a autocategorização e autoavaliação são processos inconscientes, sub-reptícios e automáticos que surgem e moldam, simultaneamente, os *dialetos* e *idioletos*. Aqui, tal sistematização foi alcunhada “binarismo linguístico” por denotar a constante existência do embate “norma culta” *versus* “norma popular”. Ainda é imensa a lacuna no cultivo da valorização da pluralidade linguística.

Também em ambientes que se propõem a explorar o assunto, especialmente os escolares, a apropriação inadequada de conceitos como *norma*, *contexto* e *cultura* por parte dos mediadores dos debates ratifica a segregação social por meio da língua. Esta pode ser percebida mesmo no discurso que propõe a valorização da variedade adotada por um grupo de falantes¹⁵.

Os poetas cordelistas, há muito, já discutem a problemática que envolve o falar nordestino e o julgamento social de desprestígio que o cerca. Dalinha Catunda, em seu folheto *Apologia ao Cordel*¹⁶, entoa:

Afirmo, também não vale

¹⁴ LABOV, William. 2008.

¹⁵ BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

¹⁶ CATUNDA, Dalinha. **Apologia ao cordel**. Rio de Janeiro. s/a.

Criticar a evolução.
De quem escreve cordel
Usando a língua padrão
Usando a sabedoria
Com muita categoria
E buscando erudição.

Ao defender o poeta que “usa a língua padrão”, a cordelista faz restar clara a autoavaliação que faz de si mesma e dos demais colegas poetas que *não usam a “língua padrão”* como *não participantes* de um grupo que busca erudição. Em verdade, esse “padrão”, ou “norma culta”, é apenas uma outra variedade linguística, que muito foge à norma-padrão do Português Brasileiro. Zé da Luz, em Brasi Caboco¹⁷, ressalta a artificialidade que esse Português culto falado pelos “home de casaca e anelão” carrega:

Brasi caboco num sabe
falá inglês nem francês,
munto meno o português
qui os outros fala imprestado...
[...]

A variedade aqui analisada é ressaltada como erudita – ou seja, como própria dos que têm conhecimentos vastos – *tão somente* porque é a adotada por estratos sociais de prestígio, principalmente econômico. Isso, porém, em nada assegura melhor cultura (se é que há uma cultura melhor que as demais), alinhamento ao padrão da GT ou maior domínio acerca de conhecimentos linguísticos. O engendramento da máquina social, contudo, funciona de forma a instalar e naturalizar tais avaliações e categorizações. Assim, os próprios indivíduos envolvidos neste processo de marginalização e estigmatização não se dão conta dos fatores que movimentam tal engrenagem, e os corroboram.

Resta, neste momento, afirmar o óbvio: este estudo e esta linguista defendem e lutam pelo reconhecimento e justa valorização do

[...] Brasi dos cantadô,
desses caboco afamado,
qui nos verso improvisado,
sirrindo, cantáro o amô;
cantando choraro as mágua:
Brasi de Pelino Guedes,
de Inácio da Catingueira,
de Umbelino do Texera
e Romano de Mãe-d'água!¹⁸

¹⁷ Brasi caboco, de Zé da Luz. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/cordeis.html#>>.

¹⁸ Id.

3 A Sociolinguística

3.1 Antes da Sociolinguística

Importante passo para entender a Sociolinguística Interacional e a Variacionista é remontar os acontecimentos que antecedem o advento dessas correntes linguísticas.

Augusto Schleicher, linguista alemão do século XIX, imprime um teor biologizante à Linguística, inserindo-a no campo das ciências naturais, afastando-a da tradição filológica e, conseqüentemente, das considerações sociais e culturais. O estudioso se propõe a analisar a língua como um organismo natural, em que seu desenvolvimento está baseado nas leis físicas.

Mais adiante, no começo do século XX, o estruturalismo de Ferdinand de Saussure, tem como objeto central de estudo a *langue* (língua) por oposição à *parole* (fala). Para o autor, a língua é o sistema invariante do qual emana a fala que, por sua vez, possui diversas variações observáveis. Assim, caberia à Estilística ou a Linguística Externa a análise do que se denomina *parole*.

Tânia Alkmin (2003), no capítulo “Sociolinguística” da obra “Introdução à linguística” traz um dado interessante: “[...] para Saussure, a língua é um fato social, no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.”.

Nota-se, portanto, que o estudioso reconhece a importância dos fenômenos linguísticos externos, ainda que privilegie o seu caráter formal. Assim, Saussure faz a divisão entre Linguística Externa e Linguística Interna, que marcará o campo da pesquisa contemporânea sobre a linguagem.

Na década de 1950, surge o gerativismo de Noam Chomsky, trazendo uma nova dicotomia: competência x desempenho. O primeiro diz respeito ao conhecimento que cada ser humano tem de sua língua que, por sua vez, é vista como um sistema abstrato de regras. Já o segundo relaciona-se à capacidade imanente de aplicação dessas regras por cada indivíduo.

Portanto, o gerativismo busca a estrutura mais profunda da linguagem, o que é definitivo e formal para mais a diante analisar os estados que esta assume de acordo com a experiência.

Tanto o estruturalismo quanto o gerativismo excluem o âmbito social no cerne de suas proposições quanto à linguagem, pois concebem a língua como um sistema abstrato. Os modelos referidos causam insatisfação e acabam abrindo espaço para os linguistas que almejam uma nova análise do fenômeno linguístico – os precursores da Sociolinguística.

3.2 ***Precursos – o social no âmbito linguístico***

O social no campo da investigação linguística não era totalmente ignorado. “Muitos linguistas procuraram demonstrar a relação entre língua, cultura e sociedade e podem ser considerados os precursores da corrente sociolinguística”, afirmam Maria Cezario (2009) e Sebastião Votre (2009) no capítulo “Sociolinguística” do “Manual de Linguística”.

Quando falando do que tange a esfera social, é importante ressaltar qual o sentido atribuído ao termo adotado neste estudo, considerando o fato de tal matéria estar em voga e fazer referência a variadas teorizações. O escopo desta pesquisa ampara-se em Goffman (2002, p. 17), que o avalia sob o seguinte prisma:

Eu definiria uma situação social como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão “presentes”, e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. De acordo com essa definição, uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e dura até que a penúltima pessoa tenha se retirado. [...] As regras culturais estabelecem como os indivíduos devem se conduzir em virtude de estarem em um agrupamento, e essas regras de convivência, quando seguidas, organizam socialmente o comportamento daqueles presentes à situação. [...] A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social.

Merecem destaque alguns dos chamados precursores da sociolinguística: Antoine Meillet, defendendo a não separação entre história da língua e história da cultura; Mikhail Bakhtin, criticando o estruturalismo e trazendo a noção de comunicação social e de ato verbal; Marcel Cohen, analisando a relação entre linguagem e sociedade a partir dos fatores externos; Émile Benveniste, afirmando que a língua permite que o homem se situe na natureza e na sociedade; e Roman Jakobson, privilegiando o processo comunicativo e os aspectos funcionais da linguagem.

3.3 ***Surgimento da Sociolinguística***

É em 1960 que se desenvolve o termo “Sociolinguística”, surgido primeiramente na década de 1950, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Organizado por William Bright, o encontro contava com nomes que se tornaram referência na análise entre linguagem e sociedade. São eles: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona.

William Bright, em 1966, publica “*Sociolinguistics*”, uma espécie de coletânea dos trabalhos do congresso citado. O autor afirma que o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística.

O antropólogo Dell Hymes concebe esse novo olhar sobre os fenômenos da linguagem como um campo que inclui contribuições de várias disciplinas, mas que é, ao mesmo tempo, autônomo. Isso se dá por ele ter como fim a identificação, a descrição e a interpretação das variáveis que produzem interferências na variação e mudança linguística. “A Sociolinguística nasce marcada por uma origem interdisciplinar”, corrobora Tânia Alkmin (2003).

3.4 ***Sociolinguística Interacional***

Proposta por Gumperz e guiada pelos estudos de Hymes, a Sociolinguística Interacional nasce no final dos anos 70 e embasa-se em análise qualitativa de dados, contando com o poder decisório intuitivo e interpretativo do pesquisador acerca dos eventos de fala (HYMES apud PRADO, 2013, p. 31). Imprescindível ressaltar que este só pode ser compreendido, do ponto de vista sociolinguístico, dentro de um *contexto*, noção aqui esclarecida de acordo com as considerações de Van Dijk (2012 apud PRADO, 2013, p. 32):

Para Dijk (2012, p.19), a noção de contexto vai além de conceitos como situação, circunstância ou entorno. O autor afirma que devemos usar a noção de contexto “sempre que queremos indicar que algum fenômeno, evento, ação ou discurso tem que ser estudado em relação com o seu ambiente, isso é, com as condições e consequências que constituem seu entorno”. A contextualização é um integrante essencial de nosso entendimento de conduta humana que deve ser explicada, e não somente descrita.

Em sua obra, Dijk (2012) apresenta posicionamento baseado nos estudos cognitivistas, já que adota o contexto como construto subjetivo dos participantes, expondo sua dinamicidade e tratando-o como modelo mental, pois controla a produção e a compreensão do discurso. Contexto é definido pelo autor como “representações das próprias situações comunicativas feitas subjetivamente pelos participantes, e não como situações comunicativas enquanto tais”.

Conforme Goffman (2002, p. 67), fazer análise sociolinguística significa compreender que o falante, em determinado contexto regido por um fato social particular, faz juízo do cenário, situação social e do evento social para lapidar seu ato de fala (MEY, 2001 apud PRADO, 2013) e adequá-lo ao contexto. Tal processo implica em ressaltar o julgamento elaborado pelo falante – inclusive o autoavaliativo.

Fica estabelecido, então, o primeiro dos dois grandes *links* que este estudo traça entre Sociolinguística Interacional e Variacionista: o julgamento do falante, acima explicitado, recai no quinto princípio empírico proposto por Weinreich, Labov e Herzog (apud WIEDEMER, 2009), que é o da *avaliação* – o segundo *link* diz respeito às variáveis estruturais e sociais utilizadas na quantificação e análise dos dados. Marcos Luiz Wiedemer (2009) sintetiza o conceito:

Sobre a avaliação, WLH (1968) defendem que estágios iniciais da mudança estão abaixo do nível de consciência social, e os falantes não os percebem. Como característica essencial da mudança linguística, o nível de consciência dos membros da comunidade de fala constitui fator a ser considerado na análise. Para Labov (1982), somente em estágios posteriores, os falantes apresentam desvios estilísticos, resultando na estratificação social. WLH (1968) traduzem o problema da avaliação nas seguintes questões: como os membros de uma comunidade de fala avaliam uma mudança particular? Avaliações negativas podem afetar o curso da mudança? Ela pode ser detida ou revertida como consequência do estigma social? Ainda sobre a avaliação da mudança, são vários os meios de detectá-la em relação às formas variantes: (i) *indicadores* – traços linguísticos socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa; (ii) *marcadores* – traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, que produzem respostas regulares em testes de reação subjetiva; (iii) *estereótipos* – traços socialmente marcados de forma consciente (Labov 1972, p.314). Os dois primeiros são decorrentes de julgamentos sociais inconscientes, mas mesmo assim podem ser medidos através de várias técnicas.

3.5 **Sociolinguística Variacionista**

Labov, por sua vez, publica em 1963 seu trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, litoral de Massachusetts, salientando os elementos sociais no entendimento da variação linguística. Dessa forma, o autor destaca os fatores - idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude – relacionando-os ao comportamento linguístico. Com o término de sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês na cidade de Nova York, em 1964, estaria fixado o modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no âmbito social urbano, denominado Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Levando em consideração que há pressões sociais sobre a língua de forma constante, Labov mostra que a mudança linguística é impossível de ser entendida excluindo o contexto social em que ela é gerada. (CEZARIO; VOTRE, 2009, p. 147).

Teoria e método da Sociolinguística Variacionista

Está no cerne da investigação sociolinguística o objeto de estudo que, por sua vez, irá construir o modelo teórico. É no vernáculo, na fala espontânea que, geralmente, se encontra esse objeto de estudo.

Buscando uma norma menos monitorada, os sociolinguísticos recolhem um número de dados a partir das histórias pessoais contadas pelos informantes nascidos e/ou criados desde o 5 anos na comunidade que está sendo observada.

A partir do estudo da variação, é buscada uma forma de sistematizar a linguagem. “Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística [...] como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2003, p.33).

Assim, as variantes encontradas são entendidas como concorrentes na língua, sendo que uso de uma forma em detrimento de outra acontece devido a elementos linguísticos e não linguísticos.

Dessa forma, “o linguista procura formular regras variáveis que descrevem e explicam os pesos relativos ligados aos fatores associados à ocorrência de duas formas variantes”, explicam Cezario e Votre (2009).

Esse tipo de estudo se apoia nos dados estatísticos. Mas somente o linguista é capaz de selecionar seu corpus e analisá-lo. Para depois, levando em conta os resultados prévios de sua pesquisa, cruzar os fatores de cunho social e de cunho linguístico. Enfim, os números, as tabelas e os gráficos comprovam, negam e (re)constroem hipóteses respaldados pela ótica do linguista.

4 O preconceito linguístico

Marcos Bagno, em seu “Nada na língua é por acaso” (2007), afirma que existem “erros” mais errados que os outros. Ou seja, a determinação do erro é regida pela sobreposição de poder dos estratos sociais e as variações que eles usam de forma rotineira.

É preciso perceber com urgência o caráter heterogêneo do Brasil, linguística e culturalmente. Um país com tamanha variação cultural *certamente* vai gerar variação linguística e, para cada variação, é dado o nome “variedade” (inclusive para a variação falada no eixo econômico forte do País, onde é falada a “norma culta”¹⁹).

Na escola e em demais contextos ditos educacionais, somente é trabalhada a perspectiva da variação do “matuto”, do “caipira”, o que gera a falsa impressão de que uma parcela privilegiada (entenda-se: urbanizada, financeiramente confortável, dotada de prestígio político) da população fala, de fato, a norma-padrão. Tal postura gera/fortalece ciclicamente uma equivocada ideologia repressora e elitista que afirma que é plausível, justificável e correto apartar indivíduos pela rotulação das capacidades e méritos de alguém a partir de sua identidade. Da rota desculpa do que é o “correto”, nasce uma forma de segregação tão social quanto qualquer outra, travestida de resguardo da língua: o preconceito linguístico.

Em análise de algumas gramáticas adotadas por escolas de ensino médio, fica clara a preocupação geral em explicitar conceitos como “norma” e “contexto”, e como o aluno/cidadão deve transitar entre elas. Porém, ainda que com boas intenções, alguns aspectos marginalizantes são utilizados na construção deste discurso de distanciamento.

Na Pequena Gramática do Português Brasileiro, de Ataliba Castilho e Vanda Maria Elias (2012), há um capítulo inteiro dedicado a essa discussão –

¹⁹ É problemático classificar alguma variedade como “cultu”, porquanto a definição atribuída a algo/alguém culto seja a de “detentor de conhecimentos amplos” e isso gera a oposição semântica dos “falantes de norma culta” aos “falantes menos conhecedores, menos cultos”.

além dos constantes exemplos baseados na língua falada que permeiam os conteúdos abordados. Porém, os autores ainda se valem de denominações como “Português culto” *versus* “Português popular”. A Gramática Houaiss da Língua Portuguesa, de José Carlos de Azeredo (2010), dedica igualmente uma seção ao assunto e faz afirmações de cunho humanizado do tipo (AZEREDO, 2010, p. 64):

De fato, só tomamos conhecimento de uma língua através de seus usos, manifestação mais límpida de sua natureza essencialmente instrumental na vida das pessoas. Se uma língua só existe em seus usos, concluímos que suas formas se legitimam no simples fato de existirem e de tornarem possíveis a expressão individual e a comunicação no seio de um grupo social.

Também a Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (2009), versa acerca do assunto. O autor, porém, mantém uma postura muito mais rígida (e segregadora), fazendo afirmações problemáticas como a de que o dialeto que se eleva é “em geral o que apresenta melhores condições políticas e sociais” (BECHARA, 2009, p. 51, grifo nosso). Mais adiante, após diferenciar os conceitos de *exemplar* e *correto*, de Coseriu, o autor diz que “A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos *gramáticos e dicionaristas esclarecidos*.” (BECHARA, 2009, p. 52, grifo nosso). Interessante notar que tal afirmação é feita no recorte destinado a elucidar os conceitos de gramática normativa e descritiva. Ainda, na explicitação do conteúdo da gramática, não raro o leitor pode se deparar com sentenças do tipo “Não pertence à *boa norma da língua* repetir sob forma pronominal a função sintática já desempenhada pelo relativo.” (BECHARA, 2009, p. 201, grifo nosso).

Bagno (2013) alerta para o perigo que o preconceito linguístico representa, por ser, de certa forma, invisível. Não são muitos os que sabem o que ele é; o número é menor ainda se considerarmos os que o entendem como *preconceito*, de fato, e raríssimos os que se dispõem a problematizá-lo. Corroborando esse desfavorável cenário, cada vez mais, os comandos paragramaticais bombardeiam os cidadãos com inúmeras inúteis inutilizadas prescrições gramaticais. Bagno (2004) assume que comandos paragramaticais são:

[...] uma série de manifestações de purismo lingüístico que vêm encontrando amplo espaço nos meios de comunicação do Brasil na última década. Evidentemente, a expressão é irônica, e minha intenção ao usá-la é justamente deixar claro que se trata de tentativas autoritárias de imposição de uma suposta norma culta – daí o termo “comandos”, que dialoga com a expressão comandos paramilitares –, empreendimentos feitos por pessoas que não têm formação científica adequada para tratar desses assuntos, mas que acreditam ter autoridade suficiente para isso – daí o termo “paragramaticais”.

Os comandos paragramaticais são, em forma clássica, livros destinados ao público em geral, escrito por autoproclamados “defensores da língua portuguesa” que investem contra os “erros comuns”, a “invasão de estrangeirismos”, a “ruína do idioma de Camões”, a “pobreza da língua da atual geração” e outros supostos “males” igualmente graves. [...]

Em sua forma mais “moderna”, os comandos paragramaticais se servem tanto dos meios de comunicação mais difundidos ao longo do último século – jornal, revista, rádio, televisão, telefone – quanto das inovações mais recentes no campo da produção e difusão de informações – o CD-ROM e a internet. Além disso, surgiu também um novo gênero literário, o manual de redação de empresa jornalística, que vem se constituindo num verdadeiro fenômeno de vendas.

O autor (2013) afirma que a realidade linguística brasileira deve ser entendida como tripartida: há i) uma norma-padrão que *não* configura parte da língua falada e que, mesmo na prática da escrita, é muito pouco empregada; ii) variedades que gozam de prestígio social, por serem a representação da fala de cidadãos mais escolarizados, de maior poder aquisitivo e destaque social; e iii) variedades estigmatizadas, faladas por indivíduos afastados dos grandes eixos econômicos do País, marginalizados, privados de uma série de direitos fundamentais e que representam a grande maioria de falantes do Brasil.

Acredito que qualquer descrição do Português do Brasil que fuja ao reconhecimento da realidade linguística extremamente plural do nosso País é tentativa de legitimação do desmembramento social que enfrentamos. Não raro brasileiros se deparam com o seguinte tipo de argumentação, retirada da coluna virtual de Aldo Bizzocchi²⁰ (2012), Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo:

[...] Sem dúvida, o português popular tem o mérito de tentar simplificar um sistema que causa embaraço até aos eruditos. Mas as soluções encontradas pela fala do povo nem sempre são as melhores. Às vezes, troca-se uma regra ilógica por outra idem.

²⁰ Disponível em < <http://hom.gerenciadordeconteudo.com.br/produtos/ESLP/textos/blog-abizzocchi/o-jeitinho-brasileiro-de-falar-296231-1.asp> >.

[...] A defesa apaixonada do "jeitinho brasileiro" de falar surte o mesmo efeito que a exaltação do jeitinho brasileiro de lidar com a lei, a política, a cidadania. Se quisermos ser de fato uma nação desenvolvida, precisamos ser menos autocondescendentes e parar de tratar o vício como virtude. [...]

[...] Talvez repetir o senso-comum, praticar o bom-mocismo e engrossar o coro dos contentes, dizendo o que todos querem ouvir, seja uma estratégia politicamente mais inteligente do que provocar polêmica pondo o dedo em certas feridas. Mas nunca sairemos do subdesenvolvimento enquanto ficarmos legitimando os nossos erros em vez de corrigi-los.

Detenho-me, aqui, em alguns aspectos levantados por Bizzocchi: primeiramente, parece-me tanto forçoso rotular um padrão linguístico de ilógico se 190 milhões de pessoas o consideram perfeitamente compreensível. Quem dita quem é a lógica? Quem tem o poder de atestar o que é certo? Quem determina o que funciona, o que deve ser acatado? Acredito que se uma fatia significativa da população elege uma variedade de fala, é porque ela está perfeitamente bem alinhada às necessidades daquela comunidade. Julgar o que é certo ou errado em termos de funcionamento e organicidade da língua é a verdadeira ação ilógica da problemática apresentada.

Mais adiante, o autor equipara as variedades estigmatizadas ao famoso "jeitinho brasileiro", expressão utilizada em justificativa de más condutas. Ora, desde quando mudança linguística é má conduta? Quer dizer que, para alcançarmos o *status* de nação desenvolvida, devemos todos voltar a falar "vosmecê"? Imagino nossos antepassados utilizando discurso muito semelhante para criticar os falantes que abandonavam, lentamente, o "vancê" e começavam a falar "você". Muito acima de autocondescendência, acredito que a questão aqui diz respeito à evolução. Muito antes de vício, língua é identidade. Engrosso, com absoluta certeza, o coro dos contentes que se sentem donos o suficiente de sua língua para viverem-na em sua plenitude. Tristes, parece-me, são os que insistem nos tapumes do purismo.

5 O pronome pessoal oblíquo átono *LHE*

Evanildo Bechara (2009) classifica os pronomes como “a classe de palavras categoremáticas que define unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto.” (BECHARA, 2009, p. 162). O autor complementa a explicação dizendo que, geralmente, o referente é um substantivo – considerado, no contexto, como “pessoa localizada do discurso” (BECHARA, 2009, p. 162). Sobre a pessoa do discurso, José Carlos de Azeredo (2010) teoriza que é “a propriedade que tem a linguagem de permitir que o enunciador se refira a si próprio e aos personagens do ato comunicativo, não como indivíduos, mas apenas como participantes do discurso.” (AZEREDO, 2010, p. 174).

Acerca dos pronomes pessoais, Azeredo versa: “designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa (não *eu*, não *tu*), considerada, pela tradição, a 3ª pessoa” (AZEREDO, 2010, p. 164). Dentro destes, há a classificação entre retos e oblíquos, sendo estes últimos os correspondentes dos primeiros, com função de complemento. Em um último recorte, por fim, os pronomes pessoais oblíquos apresentam-se como tônicos – que prendem-se a preposições – ou átonos – que não são acompanhados de preposição –, sendo o *LHE* e seu plural *LHES*, objetos de interesse desse estudo, classificados como átonos referentes à terceira pessoa do discurso. Tenho particular afeição pela descrição de Ataliba Castilho e Vania Elias (2012), que, somente após extensa demonstração da prática do uso de pronomes pessoais, os classificam como representações das “pessoas envolvidas numa conversação, ou seja, as pessoas do discurso.” (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 83). Em uma exposição dos pronomes pessoais em uso no Português do Brasil, os autores consideram que o *LHE* é presente somente na norma formal.

Marcos Bagno (2011), dentre outros sociolinguistas, considera que o pronome *LHE* tem comportamento, na prática da fala, muito diferente do previsto na GT. Ainda, faz importantes considerações acerca do arquétipo do falante do clítico. Diz ele que “No Norte e no Nordeste (incluída a Bahia), é

frequentíssimo o uso do índice **lhe**, mesmo nas comunidades linguísticas em que o sujeito mais empregado é o **tu**.” (BAGNO, 2011, p. 753). O autor (BAGNO, 2011, p. 765) pondera:

[...] o **lhe** tem uma distribuição que poderíamos chamar de regional, porque não é em todas as variedades do PB que ele ocorre com frequência, sendo mais comum em alguns falares nordestinos (Bahia e Ceará, por exemplo) e em determinadas camadas sociais do Rio de Janeiro. Sua forma no plural, **lhes**, conforme já dissemos, nunca aparece na língua falada, o **lhe** jamais se refere a **ele** ou **ela** – ou seja, nunca é **pronome** –, mas única e exclusivamente a **você/tu**, - ou seja, é um índice de pessoa que o falante usa para designar sempre seu interlocutor: é um elemento **dêitico** e não **anafórico**. O **lhe**, portanto, vale o mesmo que o **te**, de uso mais difundido no português brasileiro, [...].

Retomando a ótica já explanada no tópico deste estudo que aborda os cordéis, que considera que os folhetos são *expressão da língua falada*, discordo parcialmente da afirmação de Bagno. Acredito que o **LHE** seja usado, em contexto de baixo monitoramento, em referência à terceira pessoa do discurso, inclusive em sua forma plural.

Azeredo classifica os pronomes pessoais oblíquos átonos como tendo “funções adverbiais de objeto e adjunto” e os tônicos como exercendo “função de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição” (AZEREDO, 2010, p. 175). Diz ele que “As formas *lhe/lhes* têm função dativa na escrita formal, referindo-se tanto à pessoa de quem se fala quanto à pessoa do interlocutor [...] e podem, além da função dativa (correspondendo a *a você/a vocês*), assumir ainda a função acusativa [...]” (AZEREDO, 2010, p. 258). Na seção “Alguns traços característicos do português brasileiro”, o autor destaca como “habitualmente arrolados como característicos do português brasileiro [...] os seguintes aspectos: [...] I) o uso de *lhe* como objeto direto: *não lhe* (= você) *vi na festa*.” (AZEREDO, 2010, p. 549). Já Bechara (2009, p. 441-442) avalia que

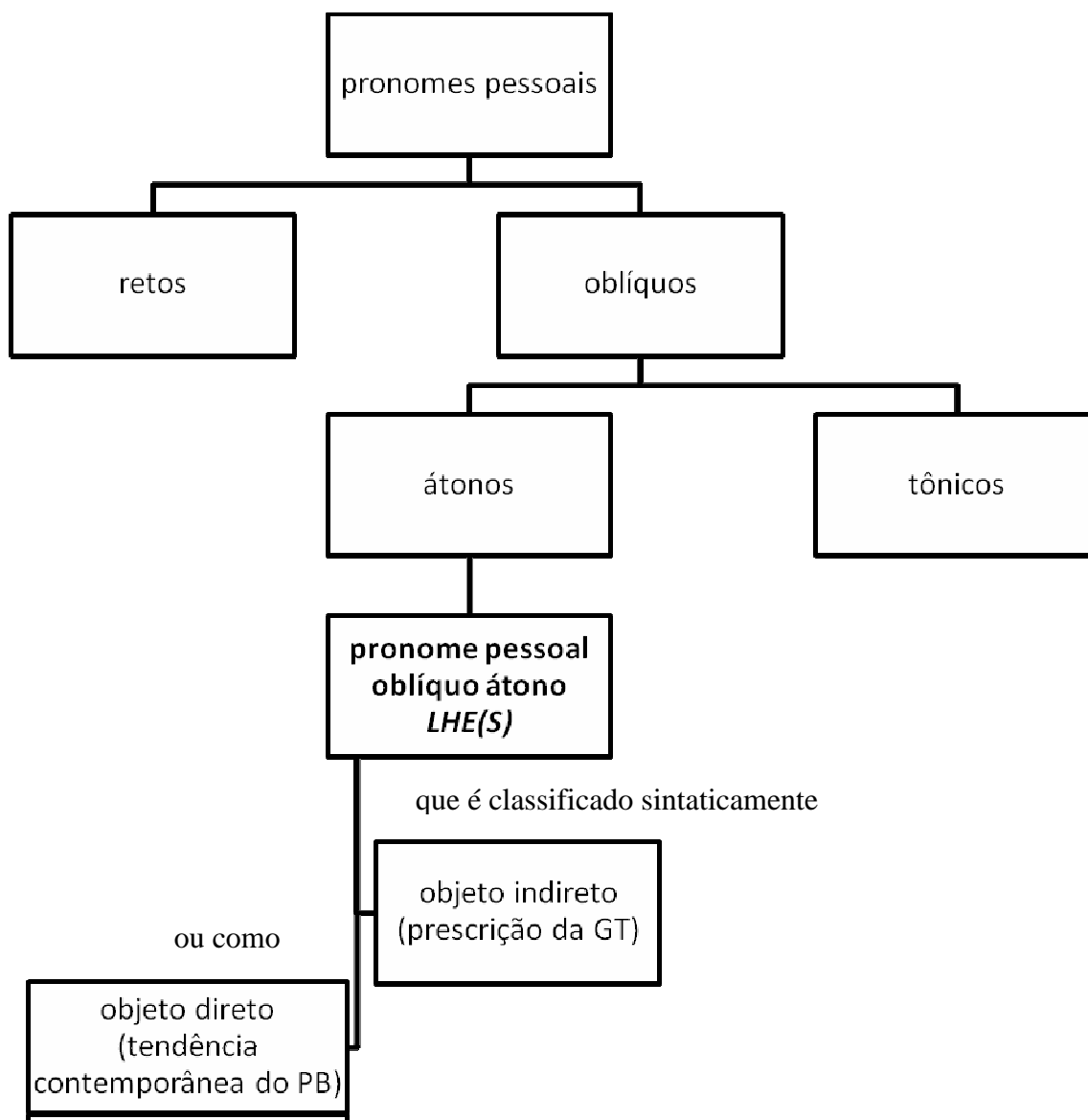
o complemento objeto indireto [...] é comutável pelo pronome pessoal objetivo *lhe / lhes*, que leva a marca de número do signo léxico referido, mas não a de gênero, como ocorre nos casos dos pronomes pessoais que comutam o signo léxico correspondente ao complemento direto [...] ou ao complemento relativo [...].

Castilho e Elias afirmam que “*lhe* alterna com *li* e, além do complemento objeto indireto, passou a ser usado também como complemento objeto direto

[...]” (2012, p. 99). É interessante ressaltar, também, a variante *les* para a forma plural *LHES*, apesar de esta não ter sido citada nas gramáticas utilizadas.

Então, em síntese final, sob a ótica da pessoa do discurso e da função sintática, temos que

Figura 1 – **Classificação do pronome pessoal *LHE* quanto ao referente discursivo e função sintática**



6 Sobre o tema

6.1 *De onde veio a ideia?*

Desde a concepção original das diretrizes dessa pesquisa, o foco foi a observação de fenômenos que estivessem relacionados com a segunda e terceira pessoas do discurso. Tal vontade surgiu a partir do acompanhamento da dinâmica linguística dos meus familiares nordestinos em contextos não monitorados. Impressionou-me a quantidade e variedade de apontamentos da norma-padrão na fala de parentes de diferentes idades, em um conjunto que abraça três gerações.

Inicialmente, deu-se a tentativa de trabalhar a conjugação verbal do dialeto nordestino, fenômeno linguístico igualmente interessante e que já rendeu importantes publicações acadêmicas. Seria, contudo, impossível constituir *corpus* relevante a partir do material disponível, e o tempo do qual eu dispunha vetou as opções de acesso a novas fontes.

Foi lançado novo olhar, então, à matéria disponível. Foi quando a ocorrência do *pronome LHE* se fez notar. A hipótese inicial sequer demandou releitura dos folhetos; a prévia apreciação do meu contexto familiar e primeiras impressões da leitura anteriormente realizada, com foco em outro fenômeno, foram suficientes para perceber um padrão linguístico peculiar no que dizia respeito às ocorrências envolvendo a forma *LHE*.

Coincidentemente, o novo tema não fugiu à proposta inicial de analisar a ocorrência de padrões linguísticos relacionados à segunda e terceira pessoas do discurso.

6.2 *Por que usar cordéis?*

Acredito que o estudo voltado à literatura não é, necessariamente, desvinculado do estudo linguístico. Aprecio ambas as vertentes de pesquisa

apresentadas pela Universidade e procurei um aparato literário como fonte de dados na tentativa de aproximar os dois campos. Dentro de tal contexto, encontrei no cordel um gênero que se aproximava fortemente da reprodução da tradição oral. Se este não é a exata transcrição da cantoria sertaneja, certamente carrega substancial verossimilhança.

A literatura de cordel carrega, como já afirmado, traços marcantes das glosas orais dos cantadores nordestinos. Assim, selecionando apenas cordéis de autores nascidos, criados e que residem no Nordeste – principalmente, no Ceará – garante-se que os dados são fiéis à prática de fala da comunidade estudada. Ainda, o recorte de tempo, que permitiu unicamente a avaliação de cordéis produzidos entre 2000 e o ano atual, 2013, assegurou a observação de ocorrências linguísticas contemporâneas.

Ainda, faz-se imprescindível ressaltar que a tradição da produção dos folhetos não costuma permitir grandes interferências editoriais. Os (raros) cordéis que traziam informações acerca de quaisquer intervenções intencionando revisão ou semelhantes modificações textuais foram descartados. Existem, também, outras evidências que indicam a inexistência de mácula dos dados causadas por copidesque, como esporádicas incorreções na grafia, numeração de páginas, concordância e regência. Certificou-se, portanto, que os dados coletados são originários de falantes que se identificam como populares, e não carregam interferências de caráter corretivo quanto à GT.

Considerando a perspectiva empregada de defesa do falar nordestino enquanto expressão afirmação de arquétipo identitário e consoante Labov (2008), que versa sobre a autoavaliação do falante, criei um pequeno questionário com esse direcionamento, com reduzida valia acadêmica, e o apliquei em membros de diferentes gerações em uma mesma família nordestina, a minha.

O questionário abordava, dentre outros assuntos, o reconhecimento do uso do pronome pessoal oblíquo átono *LHE* na fala não monitorada por falantes entre 23 e 87 anos, referente à segunda e terceira pessoa e exercendo função sintática de objeto direto e indireto – e são justamente essas

variações, a de referente discursivo e função sintática, que compõem as variáveis estruturais desta pesquisa. Principalmente, procurou-se saber quais eram as percepções pessoais dos entrevistados quanto à linguagem utilizada no cordel e à linguagem rotineira deles e se eles as prestigiavam ou estigmatizavam-na.

O resultado aponta que apenas o falante idoso acredita que a linguagem do cordel representa fielmente a linguagem popular, mas todos os outros consideram que ela é reproduzida parcialmente pelos cordelistas. Todos os entrevistados sentem-se representados pela linguagem dos folhetos, acreditam que a maior parte das pessoas a prestigia e julgam que seus hábitos de fala são semelhantes a ela em algumas situações. Um entrevistado de 23 e um de 30 anos negaram o uso recorrente do *LHE* em contextos de baixo monitoramento, elegendo a elipse do termo como alternativa – o primeiro entrevistado a empregou no caso de referência à segunda pessoa e o segundo entrevistado o fez no caso de referência à terceira. Um entrevistado de 27 anos, porém, reconhece o termo em sua fala rotineira para ambos os casos, assim como o entrevistado de 87 anos (este último resultado era esperado).

Os questionários respondidos estão disponíveis no Apêndice deste estudo.

7 Sobre a montagem do estudo

A comunidade pesquisada, de acordo com o que já foi explicitado, é nordestina. Dentro desta, há um foco especial para cordéis cearenses, devido a essa parte da população ter em sua fala maior representatividade de ocorrências do pronome “lhe” (BAGNO, 2011). Juntamente a ela, os baianos também fazem uso constante de tal pronome, mas, durante a fase de coleta de dados, não houve contato algum com cordéis da Bahia.

Pode-se considerar que, para este estudo, os informantes foram os cordelistas, que, dentro do conceito construído e explicitada a lógica que guia a pesquisa, são pessoas que convivem com a fala popular e se expressam com ela em seus escritos. Sendo assim, eles passam para os folhetos reflexo realista do potencial de fala da população nordestina.

Segue explicitação dos critérios, ou variáveis, estruturais e sociais que direcionaram a coleta e análise do *corpus*.

7.1 Como o corpus foi constituído?

A coleta de dados deu-se pela leitura de 14 cordéis, todos nordestinos, quais sejam:

- 1) A mocréia que fez mais de 25 plásticas para ficar uma gracinha, de Izaias Gomes de Assis;
- 2) As aventuras de Lampião no Inferno, de Davi Teixeira;
- 3) Beabá da cachaça, de Pedro Queiróz;
- 4) D. Ariano Suassuna, Senhor das Iluminogravuras, de Manoel Monteiro;
- 5) Dia dos avós, de Rosário Lustosa;
- 6) Exaltação à cachaça, de Manoel Monteiro;
- 7) Martelo perguntado, de Raul Poeta;
- 8) Na borda da cantoria, de Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta;

- 9) O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte, de Expedito Sebastião da Silva;
- 10) Patativa é Recebido com Festa no Céu, de Luciano Carneiro de Lima;
- 11) Quem não veste a camisa da humildade queima a pele no sol da prepotência, de Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta;
- 12) Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta;
- 13) Telefone celular: ô bichim pra incomodar, de Davi Teixeira e Meca Moreno; e
- 14) Todo homem tem na vida um passado a recordar, de Manoel Monteiro.

Para a escolha dos folhetos, foi empregado o *método aleatório estratificado*, já que, apesar de não ter havido seleção de cordéis por temática e autor, o recorte não abrange variados falares brasileiros, enfocando apenas o do Nordeste.

7.2 ***Quais foram as variáveis estruturais?***

Pessoa discursiva de referência

De acordo com o anteriormente abordado, a Gramática Tradicional rege que o pronome *LHE* deve ser usado para a referência á terceira pessoa do discurso, *ele/ela*. Bagno (2011) ressalta, porém, o uso massivo do pronome em referência à segunda pessoa do discurso, o *tu/você*.

Vislumbrando o uso coerente com o discurso da GT por parte dos cordelistas, a variável *pessoa de referência* constitui fundamental aspecto a ser analisado dentro do universo da proposta de desconstrução do argumento do preconceito linguístico.

Função sintática

As regras das gramáticas prescritivas estipulam, igualmente, que o *LHE* deve ser usado, quanto à construção sintática, como objeto indireto. As gramáticas descritivas, entretanto, vêm quantificando números sensíveis quanto à nova preponderância da sintaxe do pronome: seu uso como objeto direto. O nordestino, porém, parece guardar em seu arcabouço cultural e, consequentemente, linguístico, os preceitos da GT.

De tal maneira, a observação da *função sintática* que o fenômeno pesquisado exerce faz-se imprescindível à negativa das afirmações dos comandos paragramaticais, quando esses dizem que o falar do Nordeste desconhece os princípios tradicionais da língua.

7.3 Quais foram as variáveis sociais?

Tempo

A única variável social que direcionou a pesquisa foi o *ano da publicação*. Foram utilizados como fonte de dados apenas cordéis publicados originalmente entre o ano 2000 e o ano 2013, para que o *corpus* refletisse uma fala nordestina atual e rotineira – bem, se não tão “rotineira”, perfeitamente entendível, aceita e carregada de identidade. Não considero a localidade das publicações uma variável social pelo fato de não haver, de fato, variedade. A origem nordestina foi pressuposto de coleta, e não heterogeneidade que influencia a ocorrência mais ou menos significativa dos dados.

Faz-se necessário versar brevemente sobre a dificuldade em conseguir demais variáveis sociais. Por curta disponibilidade de tempo, não houve a possibilidade de coletar quantidades significativas de cordéis de variados temas (como peleja, política, história, entre outros). Pelo mesmo motivo, foi impossível fazer contraste de dados quanto ao gênero dos poetas.

A prevalência de homens cordelistas é fortemente marcada, frente a uma ainda tímida expressão feminina, que vem lutando e legitimando cada vez

mais espaço no meio. Dentro do universo de cordéis disponível, apenas *uma* autora, Rosário Lustosa, foi encontrada. Não me pareceu proveitoso estabelecer tal contraste, pois o resultado numérico, ainda que feitas as devidas equiparações percentuais, claramente restaria enviesado.

Por fim, alguns outros aspectos interessantes não se fizeram presentes no estudo perante a falta de fontes de informações relativas aos escritores. É difícil encontrar material que verse acerca da vida de cordelistas de forma detalhada, ainda mais quando estes são contemporâneos. Informações como idade e início da carreira como cordelista não estavam disponíveis nos meios dos quais se dispunha para a realização do trabalho. Deu-se, então, frente às adversidades explicitadas, o uso de uma única variável social na qualificação do *corpus*.

8 Apresentação dos dados

O *corpus* da pesquisa, composto por 35 incidências do pronome pessoal oblíquo átono *LHE* em 14 cordéis nordestinos, será apresentado de forma quantitativa e qualitativa – visto que as ocorrências do *LHE* são categorizadas, exemplificadas e contam com análise aprofundada, quando necessário – na seguinte ordem:

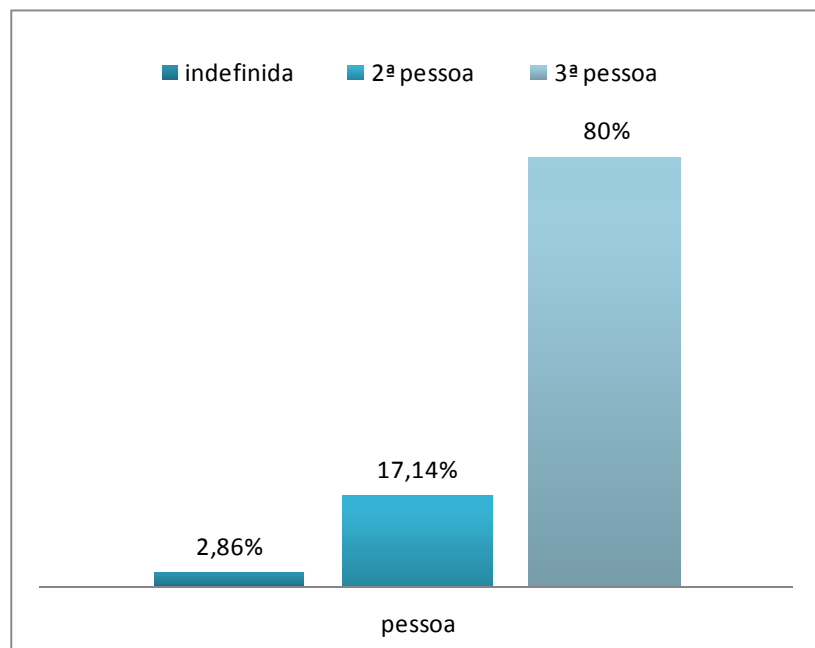
- 1) tabela e gráfico quantificando as ocorrências quanto à pessoa do discurso;
- 2) tabela e gráfico quantificando as ocorrências quanto à função sintática;
- 3) tabela apresentando ocorrências *indefinidas* quanto à pessoa do discurso;
- 4) tabela apresentando ocorrências de *segunda pessoa do discurso*;
- 5) tabela apresentando ocorrências de *terceira pessoa do discurso*;
- 6) tabela apresentando ocorrências de *objeto direto* quanto à função sintática;
- 7) tabela apresentando ocorrências de *objeto indireto* quanto à função sintática;
- 8) tabela apresentando ocorrências de *terceira pessoa* e *objeto indireto*, situações em que o *LHE* acomoda-se totalmente à GT.

Faz-se fundamental destacar que apenas o cordel Martelo Perguntado, de Raul Poeta (2012), não apresentou ocorrência do pronome, representando uma diminuta porcentagem de 7,14% do *corpus*. Prossigamos aos dados.

Tabela 1 – Quantificação geral do *LHE* quanto à pessoa do discurso

OCORRÊNCIA DO "LHE"		
pessoa do discurso	ocorrências	percentual
indefinida	1	2,86%
2ª	6	17,14%
3ª	28	80%

Gráfico 1 – Pessoa do discurso



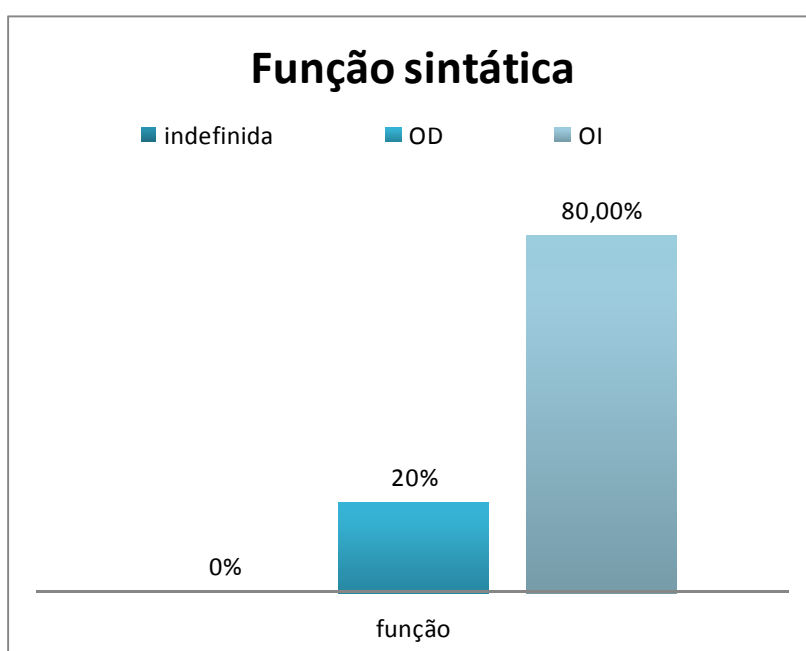
A quantificação dos dados evidencia a *compreensão e capacidade de uso* da regra gramatical tradicional que rege pronomes pessoais, no que diz respeito à pessoa do discurso. Esse fato indica a maior aplicação desse preceito tradicional pela população nordestina – em especial, a cearense.

Marcos Bagno já afirma tal ocorrência (2011, p. 765), mas, ao contrário do que diz o autor (ver seção teórica *infra*), os dados salientam a aplicação da regra da GT para pessoa do discurso. Acredito que o popular nordestino, quando não faz uso não somente desta, mas de diversas prescrições da norma-padrão, se comporta de tal maneira por julgar que determinados contextos não exigem o emprego delas, e não por inabilidade de fazê-lo.

Tabela 2 – Quantificação geral do *LHE* quanto à função sintática

OCORRÊNCIA DO "LHE"		
função sintática	ocorrências	percentual
indefinida	0	0%
OD	7	20%
OI	28	80%

Gráfico 2 – Função sintática



Novamente, a quantificação dos dados ressalta a *compreensão e capacidade de uso* das prescrições da GT; aqui, quanto à função sintática que o pronome átono *LHE* assume. A Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, de Bagno (2011), alerta sobre a possibilidade de uso de tal pronome enquanto *objeto direto* (ver seção *infra*), mas, ainda que essa alternativa se faça presente, a função de *objeto indireto* é quatro vezes mais marcada. Procedam-se as elucidações dos dados.

Tabela 3 – Ocorrência *indefinida* do *LHE* quanto à pessoa do discurso

OCORRÊNCIA DO "LHE" em pessoa do discurso indefinida			
CORDEL/AUTOR: Beabá da cachaça - Pedro Queiróz			
ANO/LOCAL: 2000 / Fortaleza - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
8	30	?	O trago que lhe convém

Imprescindível explicar os motivos que levaram à classificação deste único dado como *indefinido*, dentre os 35 pronomes analisados, correspondendo à 2,86% dos dados. Explicito, abaixo, o contexto completo de

sua ocorrência, na última estrofe do cordel Beabá da cachaça, de Pedro Queiróz (2000, p. 8):

Queiroz falou da cachaça
 Uma bebida da gente
 E citou seus vários nomes
 Isso tudo é aguardente
 Razão para beber Já tem
 O trago que lhe convém
 Zé Papudo tá contente.

No segundo verso, o aposto “uma bebida da gente” (QUEIROZ, 2000, p. 8) estabelece diálogo direto e explícito com o leitor, que se torna o *tu* do contexto, enquanto o autor referencia a si próprio enquanto *ele*, no primeiro verso. Sendo assim, e ainda com a presença de um possível terceiro ator, o “Zé Papudo”, não fica claro se o referente do pronome é *ele*, o *tu*, ou *nós*. Dá-se, desse modo, a única impossibilidade de classificação de um elemento do *corpus*.

Essencial ressaltar a avaliação de Evanildo Bechara (2009, p. 201), em sua Moderna Gramática Portuguesa, acerca da construção apresentada no verso “O trago que lhe convém” (QUEIROZ, 2000, p. 8). Ressalta o gramático o remonte histórico que tal estrutura porta – o que reafirma, novamente, a força da tradição linguística da linguagem popular nordestina:

Anacoluto no relativo – Costuma-se empregar ainda *que* ou *quem* seguido de pronome pessoal oblíquo (*que* ou *quem... lhe*) onde o rigor gramatical estaria a pedir este relativo precedido de preposição. É a prática antiga que ainda persiste no colóquio moderno: [...]

Tabela 4 – **Ocorrência do LHE referente à segunda pessoa do discurso**

OCORRÊNCIA DO "LHE" referente à 2ª pessoa do discurso			
CORDEL/AUTOR: As aventuras de Lampião no Inferno - Davi Teixeira			
ANO/LOCAL: 2005 / Pernambuco			
página	linha	pessoa	Vizinhança
3	21	2	Vou lhe mostrar quem eu sou
8	2	2	Vou lhe dar uma lição
OCORRÊNCIA DO "LHE" em 2ª pessoa do discurso			
CORDEL/AUTOR: Beabá da cachaça - Pedro Queiróz			
ANO/LOCAL: 2000 / Fortaleza – CE			
página	linha	pessoa	Vizinhança

8	20	2	E portanto, meu amigos / o que tenho a lhes dizer
CORDEL/AUTOR: Exaltação à cachaça - Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande – PB			
página	linha	pessoa	Vizinhança
estrofe 20	30	2	o que estou lhes dizendo
CORDEL/AUTOR: Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Barbalha – CE			
página	linha	pessoa	Vizinhança
1	17	2	para completar lhe diria,
CORDEL/AUTOR: Telefone celular: ô bichim pra incomodar - Davi Teixeira e Meca Moreno			
ANO/LOCAL: 2012 / Pernambuco			
página	linha	pessoa	Vizinhança
8	8	2	Que agora vou lhe dar

As seis incidências de *segunda pessoa* representam 17,14% do *corpus*. Não foi encontrado contexto de vizinhança que motivasse a ocorrência dos pronomes apresentados na Tabela 4. Inicialmente, foi trabalhada a possibilidade de a posição pré-verbal observada em todas as ocorrências ser responsável pela referência ao *tu/você*. Na análise das referências à terceira pessoa, entretanto, a predominância também é de posição pré-verbal, eliminando a viabilidade do argumento. Parece-me, portanto, que há aqui expansão da aplicabilidade da regra.

Tabela 5 – **Ocorrência do LHE referente à terceira pessoa do discurso**

OCORRÊNCIA DO "LHE" referente à 3ª pessoa do discurso			
CORDEL/AUTOR: A mocréia que fez mais de 25 plásticas para ficar uma gracinha - Izaías Gomes de Assis			
ANO/LOCAL: 2008 / Parnamirim - RN			
página	linha	pessoa	vizinhança
1	5	3	Para ver se lhe dava um trato
6	1	3	O doutor abriu-lhe os peitos
6	25	3	Que lhe deu um trabalhão
6	27	3	Desentortava-lhe os dentes
7	7	3	Lhe dando um novo modelo
7	14	3	Lhe deu alta no outro dia
CORDEL/AUTOR: As aventuras de Lampião no Inferno - Davi Teixeira			
ANO/LOCAL: 2005 / Pernambuco			
página	linha	pessoa	vizinhança

1	10	3	Que tanto lhe maltratava
4	4	3	Carniça lhe sequestrou
8	1	3	Pegou-lhe pelo cabelo
CORDEL/AUTOR: D. Ariano Suassuna - Senhor das Iluminogravuras / Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. De 2005) / Campina Grande - Paraíba			
página	linha	pessoa	vizinhança
estrofe 27	6	3	Ele ainda lhe deixou
39	1	3	O que lhe era explicado
CORDEL/AUTOR: Dia dos avós - Rosário Lustosa			
ANO/LOCAL: 2013 / Juazeiro do Norte - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
estrofe 3	16	3	Para lhes satisfazer
estrofe 6	12	3	Deus assim lhe concedeu
estrofe 7	18	3	Lhe abandonava então
estrofe 8	19	3	Foi quando lhe apareceu
estrofe 8	24	3	Deus iria lhes mandar
CORDEL/AUTOR: Exaltação à cachaça - Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB			
página	linha	pessoa	vizinhança
estrofe 3	10	3	Se ela negar-lhe o tabaco
CORDEL/AUTOR: Na borda da cantoria - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
2	11	3	contra aquele que lhe fere
3	14	3	a quem lhe oferta amargura
CORDEL/AUTOR: O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte - Expedito Sebastião da Silva			
ANO/LOCAL: 2012 / Fortaleza - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
12	5	3	Após como lhe convinha
13	10	3	Participar-lhes com calma
18	17	3	Lhe suspenderam as ordens
CORDEL/AUTOR: Patativa é Recebido com Festa no Céu / Luciano Carneiro de Lima			
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2002) / Crato - Ceará			
página	linha	pessoa	vizinhança
2	8	3	Do grande Deus que lhe assiste
3	8	3	que lhe imortalizou
CORDEL/AUTOR: Quem não veste a camisa da humildade queima a pele no sol da prepotência - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
6	14	3	que lhe deram poder e confiança
CORDEL/AUTOR: Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta			

ANO/LOCAL: 2012 / Barbalha - CE			
página	linha	pessoa	vizinhança
1	8	3	do verso lhe for sentida
2	4	3	co'o saber que lhe acompanha
CORDEL/AUTOR: Todo homem tem na vida um passado a recordar - Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB			
página	linha	pessoa	vizinhança
estrofe 23	26	3	Lhe creditando o valor

Foram constatadas 28 ocorrências de *LHE* relativo à *terceira pessoa*, inclusive em caso de plural. Esses dados compuseram expressiva maioria de 80% do *corpus*, reforçando parcialmente a hipótese inicial do estudo. Ainda, em desacordo com Bagno (2011)²¹, os dados demonstram a rara, porém efetiva aparição do pronome em referência à *terceira pessoa do plural*.

É interessante trazer à luz de análise pormenorizada de um dos casos apresentados na tabela acima, tendo em vista a necessária reconstrução de sentidos para o resgate do objeto. Refiro-me à ocorrência presente na seguinte estrofe, advinda do cordel Na borda da cantoria, de Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta (2012, p. 3):

PE – [ser poeta é] Oferecer um sorriso
a quem lhe oferta amargura,
ampliar o dom da fé,
saber enfrentar censura,
contribuir para erguer
o castelo da cultura.

Julgo que a *terceira pessoa* seria mais adequada por ser essa frase de sentido mais generalizante, porquanto não define uma única pessoa, mas atinge toda a extensão de ser “o ser” poeta. A *terceira pessoa* presta-se, em muitos casos, para esse fim. O *ele* ao qual o pronome átono em questão faz referência é o próprio poeta (*eu/tu*), e também ele, nós, vós, eles.

²¹ Ver seção teórica acerca do pronome pessoal oblíquo átono *LHE infra*.

Tabela 6 – Ocorrência do *LHE* em função de *objeto direto*

OCORRÊNCIA DO "LHE" em função de objeto direto			
CORDEL/AUTOR: As aventuras de Lampião no Inferno - Davi Teixeira			
ANO/LOCAL: 2005 / Pernambuco			
página	linha	função	vizinhança
1	10	OD	Que tanto lhe maltratava
4	4	OD	Carniça lhe sequestrou
8	1	OD	Pegou-lhe pelo cabelo
CORDEL/AUTOR: Dia dos avós - Rosário Lustosa			
ANO/LOCAL: 2013 / Juazeiro do Norte - CE			
página	linha	função	vizinhança
estrofe 7	18	OD	Lhe abandonava então
CORDEL/AUTOR: Na borda da cantoria - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE			
página	linha	função	vizinhança
2	11	OD	contra aquele que lhe fere
CORDEL/AUTOR: Patativa é Recebido com Festa no Céu / Luciano Carneiro de Lima			
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2002) / Crato - Ceará			
página	linha	função	vizinhança
3	8	OD	que lhe imortalizou
CORDEL/AUTOR: Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Barbalha - CE			
página	linha	função	vizinhança
2	4	OD	co'o saber que lhe acompanha

Apesar das ocorrências acima listadas irem contra a GT, já em 1960, Antenor Nascentes ([1960] 2003, p.447, apud BAGNO, 2011, p.765-766) dissertava acerca da recente plasticidade da função sintática do pronome pessoal oblíquo átono *LHE*:

No português do Brasil aparece *lhe* [...] como objeto direto, sob a condenação unânime dos gramáticos.

Até hoje os gramáticos se têm recusado a admitir esse fato da língua. A quem conhece a mentalidade retrógrada e ultraconservadora dos gramáticos o fato não parece estranho.

Os que, respeitando embora os ditames razoáveis da gramática, olham para a evolução natural da língua e aceitam os fatos consumados contra os quais é inútil lutar, pensam de outro modo e admitem *lhe* como objeto direto.

Eu pertencço a este número.

Na linguagem corrente, o emprego de *lhe* dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões *a ele*, *para ele*, *a você*, *para você*.

É a tendência analítica da língua.

Eis o primeiro passo para o novo valor.

Este pronome desvalorizado, por efeito da analogia [...] foi utilizado para completar uma série, ao lado de *me* e *te*.
Me e *te* servem para acusativo [objeto direto] e dativo [objeto indireto]. A *lhe*, da terceira pessoa, dativo, correspondia o, a, para acusativo. Que fez a língua? Para uniformizar, deu a *lhe* a função de acusativo e assim ficou: *me* acusativo de dativo, e *lhe*, também, acusativo e dativo.

Bagno (2011) ressalta, ainda, a propensão de uso do *LHE* correlato a você, quando seu uso se dá em caso acusativo (objeto direto). De toda forma, é interessante perceber a aceitação cada vez maior de tal fenômeno, ainda que ele esteja em estado de retesamento com o código das gramáticas tradicionais²². Neste estudo, suas 7 aparições, em um universo de 35 dados, somam 20% da categorização de função sintática.

Citando relatos literários que empregam o *LHE* acusativo desde meados do século XIX, Nascentes (apud BAGNO, 2011, p. 766) ratifica uma apreciação tecida pouco a pouco nesta pesquisa: a de que o aparecimento do pronome *LHE* no falar nordestino, independentemente do referente discursivo ou função sintática, é reflexo da inclinação deste dialeto para a recuperação de traços linguísticos tradicionais, considerando a perspectiva diacrônica do Português do Brasil – não lanço, aqui, olhar particular sobre a herança europeia.

Tabela 7 – Ocorrência do *LHE* em função de objeto indireto

OCORRÊNCIA DO "LHE" em função de objeto indireto			
CORDEL/AUTOR: A mocréia que fez mais de 25 plásticas para ficar uma gracinha - Izaías Gomes de Assis			
ANO/LOCAL: 2008 / Parnamirim - RN			
página	linha	função	vizinhança
1	5	OI	Para ver se lhe dava um trato
6	1	OI	O doutor abriu-lhe os peitos
6	25	OI	Que lhe deu um trabalhão
6	27	OI	Desentortava-lhe os dentes
7	7	OI	Lhe dando um novo modelo
7	14	OI	Lhe deu alta no outro dia
CORDEL/AUTOR: As aventuras de Lampião no Inferno - Davi Teixeira			
ANO/LOCAL: 2005 / Pernambuco			
página	linha	função	vizinhança
3	21	OI	Vou lhe mostrar quem eu sou

²² Id.

8	2	OI	- Vou lhe dar uma lição
CORDEL/AUTOR: Beabá da cachaça - Pedro Queiróz			
ANO/LOCAL: 2000 / Fortaleza - CE			
página	linha	função	vizinhança
8	20	OI	E portanto, meu amigos / o que tenho a lhes dizer
8	30	OI	O trago que lhe convém
CORDEL/AUTOR: D. Ariano Suassuna - Senhor das Iluminogravuras / Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2005) / Campina Grande - Paraíba			
página	linha	função	vizinhança
estrofe 27	6	OI	Ele ainda lhe deixou
39	1	OI	O que lhe era explicado
CORDEL/AUTOR: Dia dos avós - Rosário Lustosa			
ANO/LOCAL: 2013 / Juazeiro do Norte - CE			
página	linha	função	vizinhança
estrofe 3	16	OI	Para lhes satisfazer
estrofe 6	12	OI	Deus assim lhe concedeu
estrofe 8	19	OI	Foi quando lhe apareceu
estrofe 8	24	OI	Deus iria lhes mandar
CORDEL/AUTOR: Exaltação à cachaça - Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB			
página	linha	função	vizinhança
estrofe 3	10	OI	Se ela negar-lhe o tabaco
estrofe 20	30	OI	o que estou lhes dizendo
CORDEL/AUTOR: Na borda da cantoria - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Crato – CE			
página	linha	Função	vizinhança
3	14	OI	a quem lhe oferta amargura
CORDEL/AUTOR: O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte - Expedito Sebastião da Silva			
ANO/LOCAL: 2012 / Fortaleza - CE			
página	linha	Função	vizinhança
12	5	OI	Após como lhe convinha
13	10	OI	Participar-lhes com calma
18	17	OI	Lhe suspenderam as ordens
CORDEL/AUTOR: Patativa é Recebido com Festa no Céu / Luciano Carneiro de Lima			
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2002) / Crato - Ceará			
página	linha	função	vizinhança
2	8	OI	Do grande Deus que lhe assiste
CORDEL/AUTOR: Quem não veste a camisa da humildade queima a pele no sol da prepotência - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE			
página	linha	função	vizinhança
6	14	OI	que lhe deram poder e confiança

CORDEL/AUTOR: Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta			
ANO/LOCAL: 2012 / Barbalha - CE			
página	linha	função	vizinhança
1	8	OI	do verso lhe for sentida
1	17	OI	para completar lhe diria,
CORDEL/AUTOR: Telefone celular: ô bichim pra incomodar - Davi Teixeira e Meca Moreno			
ANO/LOCAL: 2012 / Pernambuco			
página	linha	função	vizinhança
8	8	OI	Que agora vou lhe dar
CORDEL/AUTOR: Todo homem tem na vida um passado a recordar - Manoel Monteiro			
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB			
página	linha	função	vizinhança
estrofe 23	26	OI	Lhe creditando o valor

São 28 as incidências do pronome oblíquo *LHE* em função sintática de *objeto indireto*. Contrariando a percepção descritiva de Bagno (2011, p. 765)²³, a ocorrência do pronome pessoal em acordo com a GT é quatro vezes maior do que fugindo a ela, atingindo o percentual de 80% do *corpus*.

Assim como no dado considerado *indefinido* quanto à pessoa do discurso, já apresentado nesta seção, faz-se necessário o destaque de uma construção cuja classificação se deu de forma bastante laboriosa. O dado foi extraído do cordel Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia, de Rosário Lustosa e Raul Poeta (2012, p. 1):

RP
Ser poeta não é ter
vontade de ser poeta
é preciso cumprir meta
de humildade e saber,
é também reconhecer
o tamanho da valia
da vida, se a maestria
do verso lhe for sentida
Ser poeta é dar a vida
pra vida dar poesia.

No caso supracitado, foi preciso pincelar e repincelar partes e fragmentos do texto para tentar reconstruir o sentido e resgatar o objeto e seu

²³ Id.

referente. Penso que uma avaliação interpretativa adequada seria a de que os autores afirmaram que ser poeta é também reconhecer o tamanho da valia da vida, se *e/e* sentir, do verso, a maestria – se o dom do versificar *lhe* tocar/se ele for tocado por esse dom/se a maestria do verso for sentida por ele.

Destaco, finalmente, as incorrências do pronome pessoal oblíquo átono *LHE* que encontram-se totalmente ancoradas nas prescrições da Gramática Tradicional. Do universo de 35 elementos, **21** enquadram-se em tal recorte, resultando em uma representatividade de **60%** do *corpus*. Ainda, as ocorrências abaixo foram percebidas em 10 dos 14 folhetos que o compõem, o que significa dizer que **71,43%** dos cordéis, aproximadamente, seguem a norma-padrão, excluindo a possibilidade de que o uso do pronome com tal grau de adequação à GT seja componente do estilo e particularidades de escrita de alguns autores. Seguem os dados:

Tabela 8 – Ocorrência do *LHE* em acordo com a GT quanto a pessoa e função

OCORRÊNCIA DO "LHE" em acordo com a GT quanto a pessoa e função				
CORDEL/AUTOR: A mocréia que fez mais de 25 plásticas para ficar uma gracinha - Izaías Gomes de Assis				
ANO/LOCAL: 2008 / Parnamirim - RN				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
1	5	3	OI	Para ver se <i>lhe</i> dava um trato
6	1	3	OI	O doutor abriu- <i>lhe</i> os peitos
6	25	3	OI	Que <i>lhe</i> deu um trabalhão
6	27	3	OI	Desentortava- <i>lhe</i> os dentes
7	7	3	OI	<i>Lhe</i> dando um novo modelo
7	14	3	OI	<i>Lhe</i> deu alta no outro dia
CORDEL/AUTOR: D. Ariano Suassuna - Senhor das Iluminogravuras / Manoel Monteiro				
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2005) / Campina Grande - Paraíba				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
estrofe 27	6	3	OI	Ele ainda <i>lhe</i> deixou
39	1	3	OI	O que <i>lhe</i> era explicado
CORDEL/AUTOR: Dia dos avós - Rosário Lustosa				
ANO/LOCAL: 2013 / Juazeiro do Norte - CE				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
estrofe 3	16	3	OI	Para <i>lhes</i> satisfazer
estrofe 6	12	3	OI	Deus assim <i>lhe</i> concedeu
estrofe 8	19	3	OI	Foi quando <i>lhe</i> apareceu

estrofe 8	24	3	OI	Deus iria lhes mandar
CORDEL/AUTOR: Exaltação à cachaça - Manoel Monteiro				
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
estrofe 3	10	3	OI	Se ela negar-lhe o tabaco
CORDEL/AUTOR: Na borda da cantoria - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta				
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
3	14	3	OI	a quem lhe oferta amargura
CORDEL/AUTOR: O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte - Expedito Sebastião da Silva				
ANO/LOCAL: 2012 / Fortaleza - CE				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
12	5	3	OI	Após como lhe convinha
13	10	3	OI	Participar-lhes com calma
18	17	3	OI	Lhe suspenderam as ordens
CORDEL/AUTOR: Patativa é Recebido com Festa no Céu / Luciano Carneiro de Lima				
ANO/LOCAL: 2009 (1 ed. de 2002) / Crato - Ceará				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
2	8	3	OI	Do grande Deus que lhe assiste
CORDEL/AUTOR: Quem não veste a camisa da humildade queima a pele no sol da prepotência - Pedro Ernesto Filho e Raul Poeta				
ANO/LOCAL: 2012 / Crato - CE				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
6	14	3	OI	que lhe deram poder e confiança
CORDEL/AUTOR: Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia - Rosário Lustosa e Raul Poeta				
ANO/LOCAL: 2012 / Barbalha - CE				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
1	8	3	OI	do verso lhe for sentida
CORDEL/AUTOR: Todo homem tem na vida um passado a recordar - Manoel Monteiro				
ANO/LOCAL: 2006 (1 ed. de 2002) / Campina Grande - PB				
página	linha	pessoa	função	vizinhança
estrofe 23	26	3	OI	Lhe creditando o valor

Finda a apresentação dos quadros, resta claro que, tanto sob a lente quantitativa quanto sob a ótica qualitativa, os dados *atestam* a hipótese inicial.

9 Reflexões finais

*O seu linguajar matuto
Foi mesmo uma opção
Pois não era analfabeto...
Mas por amar seu torrão
E toda a classe matuta
Descreveu a sua luta
Com singular expressão.*

– Arievaldo Viana e Jô Oliveira –

Esta pesquisa se propôs a analisar folhetos de cordéis do Nordeste do Brasil, especialmente os do Ceará, em busca do mapeamento e qualificação do uso do pronome pessoal oblíquo átono *LHE*. O objetivo foi comprovar seu emprego em acordo com as prescrições da Gramática Tradicional quanto ao referente discursivo e função sintática – respectivamente, terceira pessoa do discurso e objeto indireto –, corroborando a hipótese inicial, para a desconstrução do argumento inconsistente do preconceito linguístico direcionado a nordestinos. Este prega, por meio de variados comandos paragramaticais, que esse recorte da população não domina as regras da GT com a mesma destreza dos demais brasileiros, e que é justificável, por esse motivo, apartá-lo e subjugá-lo.

O trabalho foi estruturado em duas partes: uma fundamentalmente teórica e outra de cunho analítico. Foram abordados os conceitos de *cordel*, *Sociolinguística Interacional*, *Sociolinguística Variacionista* e *preconceito linguístico*, além da definição do pronome *LHE* segundo gramáticas tradicionais e descritivas. É imprescindível ressaltar que foi notada certa carência de estudos sociolinguísticos que envolvam esse fenômeno de variação. A procura em repositórios virtuais, principalmente de Universidades nordestinas, não foi produtiva e este é o motivo de não haver, nesta pesquisa, estudos recentes ou aprofundados que analisem a temática proposta.

Entendendo que a linguagem utilizada na escrita do cordel é fidedigna à linguagem oral popular nordestina e adotando o prisma sociolinguístico que considera que os hábitos de fala são fator essencial na afirmação identitária, a confirmação da hipótese inicial aponta para o cultivo da tradição da fala

enquanto resgate cultural do nordestino. As reflexões tecidas indicam a necessidade urgente da relativização do “erro”, do reconhecimento da heterogeneidade dos arquétipos brasileiros e da valorização da identidade linguística nordestina – com especial atenção para a dos falantes de estratos sociais estigmatizados. Nesse cenário, aposto em uma modificação da abordagem da temática pelas instituições escolares enquanto possível trunfo para a reestruturação dos valores hoje vigentes quanto à nossa língua.

Acredito em uma pedagogia da variação e da mudança linguística. Um ensino que aborde e discuta as mais plurais variações existentes acerca das construções linguísticas, focando no entrelaçamento de passado e presente, entendendo os conceitos de variação e mudança linguística e adaptando o aluno a transitar pelas diferentes normas. Principalmente, entendendo a realidade linguística brasileira como sendo heterogênea.

E, afinal, de quem é a responsabilidade da mudança linguística? De todos nós. É preciso trabalhar essa perspectiva em sala de aula. Inserir o aluno no processo de mudança linguística faz com que ele entenda de forma mais palpável a normalidade do processo e repense algumas posturas potencialmente preconceituosas.

Finalizo o estudo com a lembrança bonita da fala do meu avô ecoando por essas folhas e com a esperança de que, em breve, todo brasileiro, nordestino ou não, se orgulhe tanto dela quanto eu.

Bibliografia

ACERVO FUNDAÇÃO Casa Rui Barbosa. Disponível em: < <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/biblio.html> >. Acesso em 17 de novembro de 2013.

ALKMIM, Tânia Maria. *Sociolinguística*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Cortez, 2003.

ALMEIDA, Crisóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I, jul. 2009.

ALVES, Kleberson da Silva; ALVES, Jeferson da Silva. Comandos paragramaticais: o preconceito (socio)linguístico no Brasil. **Solettras**. Ano IX, Nº 17. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/solettras/17/05.pdf>> Acesso em 13 out. 2013.

ARAÚJO, Silvana; LUCCHESI, Dante. **A Teoria da Variação Linguística**. Disponível em < <http://www.vertentes.ufba.br/a-teoria-da-variacao-linguistica> >. Acesso em 12 de outubro de 2013.

ASSIS, Izaias Gomes de. **A mocréia que fez mais de 25 plásticas pra ficar uma gatinha**. Parnamirim: Editora Chico, 2008.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3º ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55. ed. São Paulo, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro. Lucerna/Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Humanidades. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará. 2011.

BIZZOCCHI, Aldo. O “jeitinho brasileiro” de falar. In: Blog do Aldo Bizzocchi. **Língua Portuguesa**. Disponível em: <

<http://hom.gerenciadordeconteudo.com.br/produtos/ESLP/textos/blog-abizzocchi/o-jeitinho-brasileiro-de-falar-296231-1.asp> >. Acesso em 19 de setembro de 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOSI, Alfredo. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CATUNDA, Dalinha. **Apologia ao cordel**. Rio de Janeiro. s/a.

CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

CORDEL, uma história de gerações. Produção de Cléo do Vale; Andrécia Carvalho. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**. UFBA. Video Digital. Disponível em: <<http://www.rigs.ufba.br/videos.php?id=35>> Acesso em 16 out. 2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FILHO, Pedro Ernesto; POETA, Raul. **Na borda da cantoria**. Crato: Gráfica Coisas do Meu Sertão, 2012.

FILHO, Pedro Ernesto; POETA, Raul. Quem não veste a camisa da humildade queima no sol da prepotência. **Na borda da cantoria**. Crato: Gráfica Coisas do Meu Sertão, 2012.

FIORIN, José Luiz. (org.) **Introdução à Linguística – I. objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial: 2008.

LADEIRA, Wânia Terezinha. Teoria e Métodos de Pesquisa Qualitativa em Sociolinguística Interacional. **Revista de C. Humanas**, Vol. 7, Nº 1, p. 43-56, Jan./Jun. 2007.

LIMA, Luciano Carneiro de. **Patativa é Recebido com Festa no Céu**. Crato: Projeto Cordel na Feira e SESC/Crato, 2009.

LOPES, CELIA REGINA DOS S. Pronomes pessoais. In: Silvia Figueiredo Brandão e Silvia Rodrigues Vieira. (Org.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

LUCCHESI, Dante; LOBO, Tânia. Gramática e Ideologia. **Sitientibus**. Feira de Santana, 5(8): 73-81, 1988. Disponível em: <http://www2.uefs.br/sitientibus/pdf/8/gramatica_e_ideologia.pdf>. Acesso em 22 out. 2013.

LUCENA, Bruna Paiva de. **Espaços em disputa: o cordel e o campo literário brasileiro**. 2010. Dissertação (Mestrado). Departamento de Teoria Literária e Literaturas. Universidade de Brasília. Brasília. 2010. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_teses/Bruna_Paiva.pdf>. Acesso em 11 out. 2013.

LUSTOSA, Rosário. **Dia dos avós**. Juazeiro do Norte: 2013.

LUZ, Zé da. **Brasi Caboco**. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/cordeis.html#>>. Acesso em 17 de novembro de 2013.

MELO, Alex Canuto de. **Memórias candangas: representações de outras Brasília na literatura de cordel**. Trabalho de conclusão de curso. Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária. Universidade de Brasília, 2013.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO, Manoel. **D. Ariano Suassuna – Senhor das iluminogravuras**. Campina Grande. 2009.

MONTEIRO, Manoel. **Exaltação à Cachaça**. Campina Grande. 2006.

MONTEIRO, Manoel. Todo homem tem na vida um passado a recordar. **Exaltação à Cachaça**. Campina Grande. 2006.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

OLIVEIRA, Gilvan M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito lingüístico. In: SILVA, F. L. da ; MOURA, H. M. de H. (Org). **Direito à fala – A questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis: Insular, 2000, p. 83-92.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. Brasileiro fala português: Monolingüismo e Preconceito Lingüístico. **Linguasagem**. nº11. São Carlos. UFSCar, nov-dez 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao11/artigo12.pdf>> Acesso em: 18 out. 2013.

ORIGEM da cantoria nordestina. **Cultura Popular, etc**. 2 jan 2010 Disponível em: <<http://culturapopularetc.blogspot.com.br/2010/01/origem-da-cantoria-nordestina.html>> Acesso em 20 out. 2013.

PAIVA, Paulo Jeyson Barros. **Design Editorial: A evolução dos folhetos de cordel no Brasil**. Pelotas. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/47839/Poster_11941.pdf?sequence=2> Acesso em 15 out, 2013.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. O cordel do Brasil e o cordel de Portugal: possíveis diálogos. **SOLETRAS**, Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/18/09.pdf>> . Acesso em 17 out. 2013.

POETA, Raul. **Martelo Perguntado**. Crato: Projeto Cordel na Feira e SESC/Crato, 2012.

POETA, Raul; LUSTOSA, Rosário. **Ser poeta é dar a vida para a vida dar poesia**. Barbalha. 2012.

PRADO, Juliana. **Um estudo sobre a variação da segunda pessoa do discurso no contexto do Tribunal do Júri**. 2013. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Departamento de Linguística Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, 2013.

QUINTELA, Vilma Mota. **O Cordel no Fogo Cruzado da Cultura**. Tese (parte dos requisitos à obtenção do grau de Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. Universidade Federal da Bahia. 2005.

QUEIROZ, Pedro. **O beabá da cachaça**. Fortaleza. 2000.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCÊS, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

ROSA, Allan da; PIMENTEL, Spensy. O vento que balança o cordel. **Revista do Brasil**. n. 71, mai, 2012. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/71/cultura>>. Acesso em 19 de novembro de 2013.

SCHNEIDER, Maria Nilse. Variação e discriminação linguística no ensino e aprendizagem de línguas em comunidades bilíngues. **Calidoscópio**. Vol. 7, n. 1, p. 79-85, jan/abr 2009.

SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>>. Acesso em 7 de setembro de 2013.

SILVA, Expedito Sebastião da. **O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2012.

SOARES, Maria Elias. **Os pronomes EU e TU e o caráter substitutivo dos pronomes**. Disponível em:

<http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2952/1/1978_Art_MESoares.pdf> .
Acesso em 20 de outubro de 2013.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TEIXEIRA, Davi. **As Aventuras de Lampião no Inferno**. Pernambuco. 2005.

TEIXEIRA, Davi; MORENO, Meca. **Telefone celular**: ô bichim pra incomodar. Pernambuco. 2012.

WIEDEMER, Marcos Luiz. **Introdução aos Conceitos Básicos da Sociolinguística**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009. Disponível em:
<<http://www.filologia.org.br/xiiicnlf/03/09.pdf>>. Acesso em 09 out. 2013.

APÊNDICES

1 Questionário de mapeamento parcial de hábitos de fala

Nome:

Cidade de nascimento:

Cidade atual:

Idade:

Estado civil:

Escolaridade:

Esclarecimentos

1) Dados que possam identificar o entrevistado serão omitidos.

2) Pede-se que gramáticas e demais aparatos que contém regras linguísticas (sites, dicionários, entre outros) **não sejam consultados** durante o preenchimento do questionário.

3) Pede-se que as respostas dadas sejam **bastante** fiéis à fala rotineira do entrevistado em situações informais (no convívio familiar ou com amigos, por exemplo), inclusive na reescrita (caso necessária) das sentenças.

Considerações pessoais acerca do cordel		
<i>sinto orgulho</i>	<i>sou indiferente</i>	<i>Desprezo</i>

Frequência de leitura de cordéis			
<i>leio frequentemente</i>	<i>leio esporadicamente</i>	<i>leio raramente</i>	<i>não leio</i>

Percepções pessoais quanto à linguagem do cordel		
<i>reproduz fielmente a linguagem popular</i>	<i>reproduz parcialmente a linguagem popular*</i>	<i>não reproduz a linguagem popular*</i>
* Nesse caso, por quê?		
<i>sinto-me representado(a) por ela</i>	<i>não me sinto representado(a) por ela</i>	
<i>a maior parte das pessoas prestigia</i>	<i>a maior parte das pessoas aceita</i>	<i>a maior parte das pessoas não aceita</i>
<i>coincide com a gramática</i>	<i>não coincide com a gramática</i>	

<i>em algumas situações, minha fala é semelhante à linguagem dos cordéis</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; não sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>

Avalie se vocêalaria as sentenças abaixo, em situações rotineiras. Caso julgue “não”, reescreva de acordo com a sua linguagem.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Dê esse recado a Luís, por favor.		
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Joana lhe trouxe frutas, vovô.		
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço, estava com saudades!		
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Tu tens noção do que está falando?		
Reescrita:		

Obrigada por contribuir!

Novembro de 2013.

2 Questionário preenchido – falante M1

Nome: XXXXXXXXXX
 Cidade de nascimento: 15/08/90
 Cidade atual: Olinda
 Idade: 23
 Estado civil: solteir@
 Escolaridade: Superior Incompleto

Considerações pessoais acerca do cordel			
<i>sinto orgulho</i>		<i>sou indiferente</i>	
<i>desprezo</i>			
X			
Frequência de leitura de cordéis			
<i>leio frequentemente</i>	<i>leio esporadicamente</i>	<i>leio raramente</i>	<i>não leio</i>
	X		

Percepções pessoais quanto à linguagem do cordel		
<i>reproduz fielmente a linguagem popular</i>	<i>reproduz parcialmente a linguagem popular*</i>	<i>não reproduz a linguagem popular*</i>
	X	
* Nesse caso, por quê?		
<i>sinto-me representado(a) por ela</i>	<i>não me sinto representado(a) por ela</i>	
X		
<i>a maior parte das pessoas prestigia</i>	<i>a maior parte das pessoas aceita</i>	<i>a maior parte das pessoas não aceita</i>
X		
<i>coincide com a gramática</i>	<i>não coincide com a gramática</i>	
	X	
<i>em algumas situações, minha fala é semelhante à linguagem dos cordéis</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; não sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>
X		

Avalie se você falaria as sentenças abaixo, em situações rotineiras. Caso julgue “não”, reescreva de acordo com a sua linguagem.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Dê esse recado a Luís, por favor.	X	
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Joana lhe trouxe frutas, vovô.		X
Reescrita: Joana trouxe fruta, vô.		

<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço, estava com saudades!		x
Reescrita: Encontrei Carlos na rua e dei um abraço nele, tava com saudade.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Tu tens noção do que está falando?		x
Reescrita: Tu tem noção do que tu tá falando?		

3 Questionário preenchido – falante F1

Nome: XXXXXXXXXX
 Cidade de nascimento: Recife
 Cidade atual: Recife
 Idade: 27 anos
 Estado civil: Solteir@
 Escolaridade: Superior Completo

Considerações pessoais acerca do cordel		
<i>sinto orgulho</i>	<i>sou indiferente</i>	<i>desprezo</i>
X		
Frequência de leitura de cordéis		
<i>leio frequentemente</i>	<i>leio esporadicamente</i>	<i>leio raramente</i>
		X

Percepções pessoais quanto à linguagem do cordel		
<i>reproduz fielmente a linguagem popular</i>	<i>reproduz parcialmente a linguagem popular*</i>	<i>não reproduz a linguagem popular*</i>
	X	
* Nesse caso, por quê?		
<i>sinto-me representado(a) por ela</i>	<i>não me sinto representado(a) por ela</i>	
X		
<i>a maior parte das pessoas prestigia</i>	<i>a maior parte das pessoas aceita</i>	<i>a maior parte das pessoas não aceita</i>
X		
<i>coincide com a gramática</i>	<i>não coincide com a gramática</i>	
	X	
<i>em algumas situações, minha fala é semelhante à linguagem dos cordéis</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; não sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>
X		

Avalie se você falaria as sentenças abaixo, em situações rotineiras. Caso julgue “não”, reescreva de acordo com a sua linguagem.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Dê esse recado a Luís, por favor.	x	
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Joana lhe trouxe frutas, vovô.	x	
Reescrita:		

<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço, estava com saudades!	x	
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Tu tens noção do que está falando?	x	
Reescrita:		

4 Questionário preenchido – falante F2

Nome: XXXXXXXXXX
 Cidade de nascimento: Recife
 Cidade atual: Recife
 Idade: 30
 Estado civil: solteir@
 Escolaridade: Pós graduad@

Considerações pessoais acerca do cordel			
<i>sinto orgulho</i>		<i>sou indiferente</i>	
<i>desprezo</i>			
X			
Frequência de leitura de cordéis			
<i>leio frequentemente</i>	<i>leio esporadicamente</i>	<i>leio raramente</i>	<i>não leio</i>
	X		

Percepções pessoais quanto à linguagem do cordel		
<i>reproduz fielmente a linguagem popular</i>	<i>reproduz parcialmente a linguagem popular*</i>	<i>não reproduz a linguagem popular*</i>
	X	
* Nesse caso, por quê?		
<i>sinto-me representado(a) por ela</i>	<i>não me sinto representado(a) por ela</i>	
X (acredito que antigamente tinha uma frequência maior, mas ainda nos deparamos com linguagens utilizadas em cordel).		
<i>a maior parte das pessoas prestigia</i>	<i>a maior parte das pessoas aceita</i>	<i>a maior parte das pessoas não aceita</i>
X		
<i>coincide com a gramática</i>	<i>não coincide com a gramática</i>	
	X	
<i>em algumas situações, minha fala é semelhante à linguagem dos cordéis</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; não sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>
X		

Avalie se você falaria as sentenças abaixo, em situações rotineiras. Caso julgue “não”, reescreva de acordo com a sua linguagem.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Dê esse recado a Luís, por favor.		X
Reescrita: Dá esse recado a Luís, por favor.		

<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Joana lhe trouxe frutas, vovô.		x
Reescrita: Joana trouxe frutas para o sr.vovô		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço, estava com saudades!		x
Reescrita: Encontrei carlos e dei um abraço apertado, estava com saudades!		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Tu tens noção do que está falando?	x	
Reescrita:		

Nome: [REDACTED]
 Cidade de nascimento: 26/01/1926
 Cidade atual: Recife
 Idade: 87
 Estado civil: viúv@
 Escolaridade: Primária

Considerações pessoais acerca do cordel		
<i>sinto orgulho</i>	<i>sou indiferente</i>	<i>desprezo</i>
X		
Frequência de leitura de cordéis		
<i>leio frequentemente</i>	<i>leio esporadicamente</i>	<i>leio raramente</i>
X		

Percepções pessoais quanto à linguagem do cordel		
<i>reproduz fielmente a linguagem popular</i>	<i>reproduz parcialmente a linguagem popular*</i>	<i>não reproduz a linguagem popular*</i>
X		
* Nesse caso, por quê?		
<i>sinto-me representado(a) por ela</i>	<i>não me sinto representado(a) por ela</i>	
X		
<i>a maior parte das pessoas prestigia</i>	<i>a maior parte das pessoas aceita</i>	<i>a maior parte das pessoas não aceita</i>
X		
<i>coincide com a gramática</i>	<i>não coincide com a gramática</i>	
	X	
<i>em algumas situações, minha fala é semelhante à linguagem dos cordéis</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>	<i>minha fala nunca é semelhante à linguagem dos cordéis; não sinto que quem fala desse jeito deve ser corrigido</i>
X		

Avalie se você falaria as sentenças abaixo, em situações rotineiras. Caso julgue “não”, reescreva de acordo com a sua linguagem.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Dê esse recado a Luís, por favor.		x
Reescrita: Gostaria que você passasse o recado para ele.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Joana lhe trouxe frutas, vovô.	x	
Reescrita:		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço,		x

estava com saudades!		
Reescrita: Encontrei Carlos na rua e lhe dei um abraço nele.		
<i>sentença</i>	<i>eu falaria</i>	<i>eu não falaria</i>
Tu tens noção do que está falando?		x
Reescrita: Vem cá, tu sabes o que estás dizendo, tu entende desse futebol?		

